



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

Gabriel Soares Farias

**DESCRIÇÃO E ANÁLISE PRELIMINAR DAS CONSTRUÇÕES DE POSSE EM
NINAM, FAMÍLIA YANOMAMI**

BRASÍLIA
Dezembro de 2020

Gabriel Soares Farias

**DESCRIÇÃO E ANÁLISE PRELIMINAR DAS CONSTRUÇÕES DE POSSE EM
NINAM, FAMÍLIA YANOMAMI**

Trabalho de Conclusão de Curso da
licenciatura em Letras português e respectiva
literatura da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Costa Chacon.

BRASÍLIA
Dezembro de 2020

Dedico este trabalho aos meus pais, meus irmãos, minha família do Valparaíso e a todos os meus amigos e amigas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos Xiriana, em especial ao Albino Xiriana, por estarem sempre colaborando com o conhecimento científico e com sua amizade.

Agradeço ao meu orientador, professor Dr. Thiago Costa Chacon, por todas as oportunidades que me ofereceu durante a graduação, por todo o aprendizado nesses anos todos e pela amizade.

Agradeço a Gessiane Picanço, que me acolheu no antigo laboratório de Fonética da Universidade Federal do Pará, me iniciando na pesquisa na linguística ao me apresentar as línguas indígenas. Agradeço também a Walkíria Neiva Praça, que me acolheu na Universidade de Brasília, pois sem a orientação dela tudo teria sido muito mais difícil naquele momento de mudança.

Agradeço também as minhas amigas da pesquisa, que se tornaram minhas amigas para a vida: Fernanda, Fabiola e Camille. A esta última, um agradecimento especial por ter me fornecido material de leitura suplementar e pelas tantas conversas sobre linguística que me ensinaram tanto.

Agradeço ao meu companheiro, Nathan Felipe, pela paciência e pela leitura crítica de muitos dos meus textos e pelas inúmeras conversas sem fim sobre os mais diversos assuntos, mas principalmente sobre linguística e línguas. Agradeço também à família dele, Nei, Lindalva e Ana Elisa, por terem me dado um lar e por todo carinho.

Agradeço a minha família, meus irmãos, Graziella e Gustavo, meus pais, Antônio e Eliana, por terem me dado todo apoio desde criança.

Agradeço aos meus amigos e amigas e todos os colegas de graduação que acompanharam essa minha jornada.

Por fim, agradeço a Universidade de Brasília, principalmente à DDS, por terem garantido recursos financeiros para que tudo isso fosse possível.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi descrever e analisar as construções de posse na língua indígena Ninam, família Yanomami. Os falantes Ninam estão localizados na Terra indígena Yanomami entre o estado de Roraima, Brasil, e o sul da Venezuela, majoritariamente ao longo do rio Uraricaá. A justificativa para esse intento é a contribuição que se dá aos estudos descritivos e comparativos para a família Yanomami, que ainda conta com uma bibliografia documental pequena se comparada a outras famílias linguísticas no Brasil. Para tanto, utilizou-se da perspectiva teórica da tipologia funcional e da linguística descritiva, em relação ao método indutivo, em que se parte da análise do fenômeno e de suas funções para generalizações teóricas, e em relação à comparação com a língua Yanomama, também membra da família em foco. Os resultados mostram que Ninam corresponde à tendência da região de marcação da posse no núcleo do sintagma nominal, mas apenas para a 3ª pessoa do singular para inalienáveis e nomes de parentescos, enquanto que a posse de partes do corpo constrói-se pela justaposição na seguinte ordem [POSSUIDOR – POSSUIDO]. Os nomes de parentesco apresentam uma morfologia complexa que se diferencia de partes do corpo humano, o que contrapõe o princípio translinguísticos de que nomes inalienáveis tenderiam a ser menos marcados formalmente. O clítico de posse na 3ª pessoa do singular /=e=/ pode também ser incorporado ao predicado verbal, o que mostra que ele além de ser um genitival, também tem propriedades anafóricas. Na construção de posse cujo possuidor está no plural, o uso do sufixo /-p/ diferencia-se do clítico por apresentar posição fixa no núcleo, não ter a possibilidade de fazer referência e também requerer, em alguns dados, a marca de caso agentivo no termo possuidor. Nesse sentido, apresentaram-se simetrias entre este morfema e o verbalizador /=pë/ do Yanomama, o qual possibilita que nomes possam selecionar argumentos, o que foi uma hipótese também levantada para o Ninam.

PALAVRAS-CHAVE: DESCRIÇÃO, TIPOLOGIA LINGUÍSTICA, NINAM, YANOMAMI, POSSE.

ABSTRACT

The goal of this study was to describe and to analyze the possession construction in the indigenous language Ninam, which belongs to the Yanomami family. Ninam speakers are located in the indigenous Yanomami Land, between Roraima state, north of Brazil and the south of Venezuela, mostly along the river Uraicaá. The justification for this attempt is the contribution given to the descriptive and comparative studies related to the Yanomami's linguistic family, which still counts on a short documentary bibliography if compared to other linguistic families in Brazil. For this purpose, it was used the functional typology and the descriptive Linguistics as theoretical perspective concerning the inductive method, which begins on the analysis of the phenomenon and its functions to theoretical generalization and concerning the comparison with Yanomama's language, which is also a member of the linguistic family on this research. The results show that Ninam corresponds to the regional tendency of the possession mark on the head of the noun phrase, but only for the 3^o singular person for inalienable and also for kinship terms, while juxtaposition constructs the body parts possession in the following order [POSSESSOR - POSSESSED]. The kinship terms present a complex morphology that differs from the one related to the human body parts as opposed to the translinguistic principle that inalienable terms would tend to be less formally marked. The possessions clitic on the 3^o singular person /e/ would also be incorporated to the verbal predicate, which shows that besides being genitival, it also possesses anaphoric properties. Such construction, in which the possessor is plural, the use of the suffix /-p/ differs from the clitic because the former presents a fixed location towards the head of the noun phrase and because it is not possible to refer neither to require the agentive's mark on the possessor term in some data. In this regard, the results show symmetries between this morpheme and the verbalizer /pë/ of Yanomami, which allows names to select arguments, also a hypothesis brought into Ninam.

KEY-WORDS: DESCRIPTION; LINGUISTICS TYPOLOGY, NINAM, YANOMAMI, POSSESSION.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ordem possível no sintagma nominal em Ninam

Quadro 2 – Pluralização em Ninam

Quadro 3 – morfemas em construções de posse

Quadro 4 – pronomes pessoais

Quadro 5 – Determinantes demonstrativos de Gale (1990)

Quadro 6- Determinantes demonstrativos

Quadro 7 – Determinantes possessivos

Quadro 8 – nomes de parentesco em Ninam

Quadro 9 – Comparação entre nomes de parentesco na 3ª pessoa do singular do Ninam e Yanomama

Quadro 10 – diferenças entre o clítico /=e=/ e o sufixo /p/

Quadro 11 – marca de posse do Ninam e verbalizador do Yanomama no plural

Quadro 12 – comparação dos nomes de parentesco de Ninam e Yanomama

Quadro 13- estrutura interna do sintagma nominal de nomes de parentesco

LISTA DE ABREVIATURAS

NINAM

1 POS	possessivo de primeira pessoa	
1 PS.	1ª pessoa singular	
1 PS.OB	1ª pessoa singular objeto	
1ª PP	1ª pessoa plural	
2 POS	possessivo de segunda pessoa	-
2 PS.	2ª pessoa singular	
2 PS.OB	2ª pessoal singular objeto	
2 PP	2ª pessoa plural	
3 PS.	3ª pessoa singular	
3 PP	3ª pessoal plural	
3 PPDL	3ª pessoal plural dual	
AG	agentivo	
CAUS	causativo	
COMM	comutativo	
COL	coletivizador	
DIM	diminutivo	
ERG	ergativo	
INGR	ingressivo	
IMPERFET	imperfectivo	
LOC	locativo	
NMLZ	nominalizador	
TRANS	transformacional	
PASS	passado	
POS	POSSE	

YANOMAMA

1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
COP	cópula
DIF.PART	participante diferencial
FOC	focalizador

INDEF	pronome indefinido
PL	plural
PFV1	perfectivo (série 1)
POS	pronome possessivo
PST	Passado
REL	Relacional
SG	singular
VBLZ	verbalizador

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. PANORAMA SOBRE A POSSE E OS ESTUDOS TIPOLOGICOS.....	15
2. OS NOMES E O SINTAGMA NOMINAL.....	18
3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA POSSE ATRIBUTIVA.....	26
3.1 O CLÍTICO /=e=/ e o sufixo /=p/	33
4. COMPARAÇÃO DA ESTRUTURA DE POSSE EM NINAM E NO YANOMAMA.....	39
5. BREVE DESCRIÇÃO DA POSSE PREDICATIVA.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55
ANEXOS.....	57

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país multilíngue: além do português, são faladas aproximadamente entre 153 línguas indígenas no território (MOORE & GALLUCIO, 2016). Essas línguas foram classificadas de acordo com sua filiação genética (RODRIGUES, 2001 apud MOORE, GALLUCIO & GABAS JR, 2008): dois troncos linguísticos (Tupi, que contém 10 famílias, Macro-jê, que contém 9 famílias), 13 famílias (Aruák, Tukáno, Arawá, Karíb, Yanomami, Pano, entre outras), e outras tantas línguas isoladas, ou seja, sem parentesco identificado com as demais. Esse resultado demonstra a diversidade cultural que se encontra no país, o que, além de evidenciar as várias identidades étnicas possíveis, também aponta para a riqueza de fenômenos linguísticos. Tendo em vista a importância dos estudos descritivos e tipológicos para atestar esse patrimônio, este estudo visa contribuir com uma descrição e análise da posse na língua Ninam, da família linguística Yanomami.

Essa família é constituída por 5 línguas: Ninam, Sanöma, Yároamë, Yãnomami e Yanomam, as quais possuem diversos dialetos diferentes entre si (FERREIRA, 2017; 2011). Em nosso estudo, focaremos na língua Ninam (também chamada de Yanam), que é falada na região que compreende o sul da Venezuela ao Norte do Brasil, mais especificamente no rio Uraricaá, na terra indígena Yanomami no estado de Roraima. Os dados que dispomos são referentes ao dialeto Ninam do Norte (alto Uraricaá)¹. Além disso, também faremos uma comparação do fenômeno em foco com um dialeto da língua Yanomam, ou Yanomama, o falado na região do Papiu.²

Ninam é a língua falada por um agrupamento étnico conhecido por Xiriana, cuja população é predominantemente Ninam mas também é formada por um quadro complexo de etnias, entre elas Arutani, Máko, Yanomam e Sapé (CHACON, 2017). Segundo Migliazza (1985), durante os últimos séculos, os Yanam (outro etnônimo, que significa ‘pessoa’) mudaram várias vezes de lugar entre o rio Ajaraní e a parte sul da montanha Parima e os rios Mucajaí, Uraricaá e Paraguá, muito por conta de rivalidades internas e com outros grupos, inclusive causando grandes perdas em guerras com grupos Karib e Makú. Muitos foram incorporados aos Xiriana por questões de casamentos³. Esse contato é possível ser aferido pelos vários empréstimos em seu léxico relacionados à cultura material por exemplo

¹ Dados do dialeto Ninam do sul, falado ao longo do rio Mucajaí, ainda não foram sistematicamente integrados ao nosso banco de dados.

² Ver mapas nos anexos.

³ Nos anexos, encontra-se um mapa de Migliazza (1985) de todas as línguas na região em 1800 e em 1970.

(FARIAS, 2020). O primeiro contato com não-indígenas registrado foi em 1958, quando houve missões protestantes. Na década de 1960, a mineração levou vários garimpeiros para os rios da região, o que contaminou vários Xiriana com doenças, causando expressivas perdas. À época da documentação de Migliazza, existiam apenas 400 falantes da língua.

Atualmente, são ao todo 4 comunidades Ninam no rio Parágua e 11 no rio Uraricaá, totalizando cerca de 1000 indivíduos.⁴ As duas principais comunidades no Brasil são Saúba e Ericó, onde existem uma escola até a 4^a série, um Polo Base de Saúde e uma pista de pouso. Encontra-se com boa vitalidade, sendo transmitida a novas gerações e com poucos bilíngues em português. Uma demanda que existe por parte de professores e outras lideranças Ninam é que a língua tenha ferramentas para ser utilizada em novos espaços sociais, como a escola, telefones celulares e a internet. Atualmente, a língua conta com uma ortografia, desenvolvida pela linguista Gale Gómez Goodwin da década de 1990, mas com poucas dezenas de pessoas alfabetizadas em Ninam e 4 professores com ensino básico incompleto (CHACON, 2017).

Estudar a posse nessa língua contribui com os estudos da língua que hoje conta com poucos trabalhos publicados: um estudo preliminar da fonologia de Migliazza e Grimes (1961), estudo comparativo de Migliazza (1972), a descrição de Gale Gómez (1990) e um artigo publicado recentemente da mesma autora em 2017, o qual também versa sobre a posse da língua.

O presente trabalho se diferencia deste último uma vez que traz uma descrição (preliminar) própria baseada em dados coletados em viagens de campo e novas informações e possibilidades de análise que se somam a da autora. Essas viagens foram realizadas em 2017 e o material coletado foi armazenado para análise posterior. Em 2020, fizemos uma nova viagem à Boa Vista para outro projeto: o dicionário multimídia para a língua Arutani, que conta com traduções para Ninam⁵. No artigo para a iniciação científica da Universidade de Brasília (FARIAS, 2020), um dos objetivos era comparar o sistema pronominal de Ninam e Arutani para esclarecer os morfemas implicados na posse de nomes de parentesco, no que se percebeu que ainda havia dúvidas sobre essa estrutura em Ninam. Essa experiência suscitou a vontade em estudar com profundidade esse aspecto e por isso optamos por analisar as construções de posse, para além do parentesco, dessa língua.

Aliás, utilizamos dados da tese de Gómez (1990) para preencher lacunas no corpus que não dispúnhamos, uma vez que os dados próprios não foram especificamente coletados

⁴ Dados baseados em censos oficiais na Venezuela e FUNASA Brasil.

⁵ Projeto SalvaGuarda do Patrimônio Linguístico e Cultural de Povos Indígenas Transfronteiriços e de Recente Contato na Região Amazônica financiado pelo Museu do Índio e UNESCO.

para essa análise. Por fim, tentaremos dialogar com a autora, pois aproveitamos das glosas e das indicações que ela faz em seu trabalho de 1990 para glosar os nossos próprios dados, mas sempre tentando expandir o horizonte das análises. Outra fonte de dados, referentes à língua Yanomama, foi a tese de Helder Perri Ferreira (2017), o qual descreve a fonética até morfossintaxe dessa língua. A escolha por essa língua, para além da mesma filiação genética, tem a ver com a qualidade da descrição do autor, que conta com análises detalhadas e sistemáticas.

Há também que se destacar que o fenômeno em questão carece de pouca sistematização de estudos tipológicos da região, a qual, além da família Yanomami, também abriga comunidades falantes de línguas Karíb, Aruák e isoladas, como o Arutani. No mapa “Locus of Marking of Possessive Noun Phrases” (NICHOLS & BICKEL, 2003), são poucas as línguas que aparecem registradas sobre a marcação de posse nos sintagmas nominais. Assim, este trabalho pode ser uma primeira iniciativa para contribuir aos estudos tipológicos pela discussão teórica que se fará a seguir. A Tipologia linguística, portanto, é uma das perspectivas teóricas que adotamos porque parte do método indutivo para efetuar as análises, ou seja, parte da materialidade dos fenômenos para traçar generalizações teóricas intra ou extralinguísticas (CROFT, 2003). Além disso, oferece um espaço conceitual e formas de construções que nos auxiliaram a descrever a posse em Ninam. Nesse sentido, seguindo o proposto por Croft (2003), cabem a este trabalho a generalização tipológica, que é feita na medida em que traz dados da posse na região em outras famílias linguística (ver seção 1), e ao notar os padrões de comportamento (os chamados transuniversais), ao percebermos que há uma tendência (ou não totalmente, como se vê na seção 3) de seguir a marcação no núcleo, e a explicação tipológica, que é o entendimento do fenômeno a partir da função dele no sistema (ver seção 3 e 5).

Ademais, outra perspectiva teórica adotada foi da Linguística Histórica, nos termos de Campbell sobre o método histórico-comparativo, o qual possibilita, por meio da comparação entre padrões sincrônicos de línguas que possuem uma mesma filiação genética, que elementos mais obscuros na gramática possam ter uma explicação mais contundente a partir da reconstrução de uma língua ancestral. A comparação com o Yanomama é uma possibilidade de esclarecer fatos da língua Ninam que estão ainda sem respostas claras, tendo em vista que aquela apresenta padrões mais transparentes e produtivos sobre os aspectos da posse, o que nos ajudar a pensar possibilidades de perspectivas sobre essas questões no Ninam. Uma dessas questões é a função do clítico /=e=/ e do morfema possessivo /=p/, os quais ainda não estão bem definidos, pois o trabalho recente de Gale (2016), apesar de

atualizar análises, ainda deixa em aberto questões da sua primeira descrição. Por isso, esses dois morfemas em específico terão um foco maior em nossa descrição.

Na primeira seção, portanto, faremos um breve panorama sobre os estudos de posse e das descrições nas línguas amazônicas. Na seção seguinte, apresentamos uma descrição preliminar dos nomes da língua para, na terceira seção, aprofundar a questão da posse atributiva. Na quarta seção, apresentamos a comparação com os dados do Yanomama e da posse predicativa nessas línguas.

1. PANORAMA SOBRE A POSSE E OS ESTUDOS TIPOLOGICOS

Payne (2006) afirma que o protótipo de nomes, em termos semânticos, refere-se a toda entidade que tem uma delimitação espacial e uma maior estabilidade temporal em seu significado, além de serem facilmente retomadas e reiteradas no discurso. Em termos morfossintáticos, nomes também são o núcleo sintático e semântico de um constituinte nominal prototípico, isto é, a palavra que determina a distribuição de outras propriedades sintáticas dos demais modificadores do agrupamento. Ainda segundo o autor, nomes têm propriedades gramaticais que expressam categorias semânticas, dentre elas, gênero, número, caso, definitude, entre outras marcas, que, geralmente, encontram-se explicitadas junto àqueles. O autor ainda identifica que há tipos de nomes de acordo com traços semânticos, como os nomes próprios, nomes contáveis e incontáveis, nomes classificadores e nomes possuíveis e não possuíveis (ibidem, 2006, p.102). Essa classificação varia de língua para língua e cada tipo manifestará propriedades gramaticais formais específicas.

Segundo Nichols e Bickel (2013), o termo posse é usado para referir para construções que são adnominais cujo significado é, literalmente, relação de posse. (Essa relação pode ter três sentidos: propriedade, relação parte todo e parentesco (AIKHENVALD & DIXON, 2013, apud MIRANDA, 2020). Portanto, as línguas dispõem muitas vezes de mais de uma forma para expressar essa relação, que é condicionada não pela semântica ou estilo, como acontece no inglês (NICHOLS & BICKEL, 2013),, mas lexicalmente pelas propriedades do tipo de nome que é o termo possuído, ou seja, o núcleo nominal do sintagma.

A posse pode ser distinguida nas línguas apresentando um ou mais dos seguintes tipos: nomes possuíveis e não possuíveis, nomes de posse obrigatória ou posse opcional, nomes inalienáveis ou alienáveis. Estes últimos são que Nichols e Bickel (2013) chamam de uma classificação binária da posse, em que a posse de nome como 'mãe' deve obrigatoriamente marcar quem é o possuidor, ou seja, é um nome inalienável; já termos como 'casa' não precisam necessariamente marcar o possuidor, por isso são chamados de nomes alienáveis. Em termos translinguísticos, segundo Payne (1992 apud PEREIRA, 2016), nomes inalienáveis serão menos marcados formalmente do que os nomes alienáveis. Como dito acima, de maneira generalizante, a posse inalienável envolve um grupo menor de relações, a saber, parentesco e partes de um todo principalmente, logo já são necessariamente marcados pela sua própria semântica associativa, enquanto que nomes alienáveis precisam de marcas

formais que identifiquem que, em uma determinada construção, se estabelece uma associação de posse.

São, portanto, duas figuras envolvidas: o possuidor, que é aquele que detém, e o elemento “possuído”. Esses elementos ocupam a posição núcleo e dependente no sintagma nominal, no qual geralmente o núcleo é o termo possuído (modificado) e o dependente é o possuidor (modificador). O possuidor geralmente é um referente relacionado aos seres animados, os quais podem ser expressos formalmente por um nome ou um pronome pessoal (AIKHENVALD & DIXON, 2013, apud MIRANDA, 2020). Nichols e Bickel (2013) expõem que as línguas irão variar na marcação da posse dessas posições no sintagma. Os autores apresentam cinco possibilidades, as quais listamos: marcação no núcleo (Possuidor Possuído-X), marcação no dependente (Possuidor-X Possuído), dupla marcação, nenhuma marcação, ou ainda um último tipo que, na verdade, inclui possibilidades mais raras como a marcação livre, a qual seria posta nas fronteiras do sintagma.

Esses autores apresentam uma distribuição geográfica dessas possibilidades ao redor do globo: a marcação no núcleo é comum nas Américas e no Pacífico; a marcação no dependente acontece bastante em línguas da África, Eurásia e Austrália-Nova Guiné; dupla marcação é mais rara, ocorrendo na periferia da Eurásia, no Himalaia e na costa do Pacífico na América do Norte; por fim, a marcação zero é mais incomum ainda, aparecendo somente próximo ao Equador. As línguas amazônicas, por exemplo, correspondem, na maioria dos casos, ao postulado pelo autor em termos de marcação no núcleo (AIKHENVALD & DIXON apud PEREIRA, 2016) e também demonstram uma ordem básica no sintagma de [MODIFICADOR + MODIFICADO] bastante comum (QUEIXÁLOS & GOMES, 2016).

Pereira (2016), em seu estudo sobre a posse em 90 línguas indígenas da América do Sul, faz uma distinção que é útil em termos comparativos para este trabalho e que detalha melhor a generalização de Aikhenvald sobre as línguas da região amazônica. Recuperando os trabalhos de Campbell (2000) e Birchall (2014), o autor apresenta 8 áreas linguísticas⁶ no continente sul-americano, a saber: Norte dos Andes, Andes Central, Oeste da Amazônia, Norte da Amazônia, Sul da Amazônia, Semiárido e Adjacências, Chaco-Planalto e Região do Cone Sul. Divide essas línguas de cada área em dois grandes grupos: grupo A, que representaria as línguas que sempre têm marcação formal para representar o contraste entre

⁶ Ver mapa proposto por Pereira (2016) nos anexos

posse alienável e inalienável, e grupo B, que representaria as línguas que nunca têm uma marca formal para evidenciar essa oposição. Para 10 línguas da região do Norte Amazônico que o autor analisa, as quais compreendem línguas da família Karib, Arawák, Tupi-Guarani, Yanomami, e línguas isoladas e crioulas, ele demonstra essa distinção, em que línguas da família Arawák (Baniwa, Kurripako, Tariana e Wapichana) pertencem ao grupo A, e línguas da família Karib (Japreria, Tiriyo, Wayana, Ye'kwana, Yukpa) e Tupi-Guarani (Émérillon) pertencem ao grupo B.

Das línguas do grupo A dessa região, Baniwa, Kurripako e Wapixana marcam a posse alienável no núcleo (termo possuído) por meio de sufixos possessivos, que se diferenciam de acordo com a natureza do possuído (animado ou inanimado), enquanto apenas o Tariana não marca a posse alienável. Já a posse inalienável, todas marcam no núcleo (ver parentesco em Ninam na seção 3) por meio de prefixos possessivos pessoais. Do grupo B, que compreende principalmente línguas Karib e a Tupi-Guarani, apenas Yukpa e Jupreria utilizam-se de estratégias diferentes de apenas marcação no núcleo. Wayana, Ye'kwana, Tiriyo e Émérillon marcam o núcleo por meio de sufixos possessivos ou por meio de morfema relacional. Yukpa e Jupreria também marcam a posse no dependente por meio de morfema possessivo livre e Jupreria se utiliza também da ausência de marca por meio da justaposição entre os elementos. No entanto, como se nota, o autor não inclui em seu estudo exemplos de línguas da família Yanomami, nem mesmo aponta quais seriam os padrões de marcação que poderiam ocorrer nelas. Por isso, verificar a validade das afirmações teóricas e das generalizações tipológicas expostas é a proposta deste estudo, uma vez que pode contribuir para o refinamento destas.

2. NOMES E O SINTAGMA NOMINAL

Para descrevermos a posse em Ninam, é necessário antes que se apresentem as classes de palavras que habitualmente constituem essa estrutura. Após essa breve descrição, discutiremos os dados relacionados à posse de acordo com a semântica dos nomes para então fazermos a comparação com a língua Yanomama na próxima seção.

Os nomes em Ninam também são, geralmente, o núcleo do sintagma nominal, apresentando características gramaticais próprias em relação a outras classes de palavras. O esquema a seguir apresenta a ordem dos constituintes de um sintagma nominal nesta língua, o qual pode ser ilustrado pelos exemplos em (1):

Quadro 1 – Ordem possível no sintagma nominal em Ninam

Pronomes/ Numerais	Núcleo	Posposições Sufixos Clíticos	Especificadores	Sufixos Posposições	Quantificadores
Pessoais	Nomes	-e	Adjetivos	Iriha	Tfarami
Possessivos	Pronomes	-xo		Pik	Tfami
Demonstrativos		-n		thai	(...)
Numerais		-k (...)		-há (...)	

Fonte: adaptação do quadro de Gale (1990)

DET N POS CASO

1.a) ipa thiwë=txë-xo

1POS mulher=1POS- COMM

Com a minha esposa

1.b) DET N-POS NUM

ipa iri-txë kip

1POS filho-POS 3^aPPL

‘meus dois filhos homens’

1.c) DET N MOD NUM Caso

ipa iri thai piki nē
 1POS filho DIM 3ªPPL.DL ERG

‘as minhas crianças’(em posição de sujeito)

Os exemplos em 1 (a,b, c) demonstram o tamanho máximo possível de um sintagma nominal na língua, o qual pode começar com um determinante e terminar com marcas de caso. A marca de número, como se percebe em 1.c, vem antes da marca de caso, mas segue os modificadores atributivos, os quais, por sua vez, seguem sufixos possessivos, como em 1.b. Essas possibilidades de estrutura do sintagma são importantes, pois poderemos identificar quais são os elementos que têm posição fixa e aqueles com maior mobilidade. De modo geral, o núcleo e os determinantes mantêm suas posições. Para a estrutura da posse, vamos apresentar brevemente as características dos nomes e os morfemas que os acompanham. Vamos também discutir um grupo de palavras que também funcionam como núcleo do sintagma, os pronomes.

Sufixo de número: os nomes em Ninam podem ser pluralizados dependendo de sua animacidade. Nomes animados, como termos referentes a animais, insetos, humanos, espíritos, recebem as formas reduzidas da 3ª pessoa do dual ou plural (/kip/ e /pik/, respectivamente) que seguem aos nomes. Nomes inanimados, por sua vez, são pluralizados por meio da adição do sufixo coletivo-partitivo –k. Os exemplos a seguir ilustram isso:

Quadro 2 – Pluralização em Ninam

Nomes animados	Nomes inanimados
/paari pik/ ‘Pássaros sp.’	/taro=si-k/ ‘Cestas’
/yanam pik/ Pessoas	/naxkiri-k/ Flores
/pore pik/ Espíritos ‘travessos’	/maama-k/ Pedras

Fonte: adaptação dos dados de Gale (1990)

Marcas de “posse”: As construções possessivas para além dos nomes referentes ao possuidor e ao possuído, bem como da ordem linear entre as palavras, faz uso de certos morfemas adicionais na maior parte dos casos. O clítico =e= funciona nas estruturas de posse referentes à 3ª pessoa do singular, exceto para nomes de partes do corpo. Há também o

morfema possessivo –p, que aparece, principalmente, em estruturas de posse em que o possuidor está normalmente no plural (a única exceção é em 17.a, como iremos discutir). Os nomes de parentesco apresentam sufixos próprios de posse como –txë referente à 1ª pessoa do singular e –ho referente à 2ª pessoa do singular. Mais adiante, detalharemos melhor a descrição dessa estrutura de posse. Os exemplos a seguir mostram seu uso:

Quadro 3 – morfemas em construções de posse

Nome de parentesco como referente 1ª P.S	Nome de parentesco como referente 2ª P.S	Posse de nome referente 3ª P.S.	Posse de nome no plural
(2.a)ipa papatxë 1POS pai –1POS Meu pai	(2.b)Papaho Pai -2POS Teu pai	(2.c)Alcides e yãno Alcides POS casa Casa do Alcides	(2.d)kãhowehek yãno-p 1º P.P casa- POS Nossa casa

Fonte: autoria própria baseada em dados próprios e de Gale (1990)

Sufixos de caso: morfemas que detonam a função sintática do sintagma nominal na oração são marcas próprias dos nomes em Ninam. Destacam-se os usos do morfema ergativo ou instrumental /-n/, como também o locativo /-ha/ e comitativo /-xo/, os quais são ilustrados a seguir:

(3.a) Okoro-n tʃee si+wa -re -ma
cachorro-AG 1PS.obj morder – INGR – IMPERF
'O cachorro me mordeu'

(3.b) yãno-ha
casa-LOC
'Em casa'

(3.c) ipa thiwë=txë-xo
1POS mulher=1POS- COMM
'com a minha esposa'

Além dessas marcas, os nomes são determinados por outras classes de palavras, como numerais, quantificadores, pós-posições e pronomes, dos quais descrevemos a seguir os mais relevantes para a posse em Ninam.

Pronomes pessoais: os pronomes pessoais são utilizados também como núcleo do sintagma nominal. Podem ser utilizados como sujeito ou objeto nas orações, precedendo o núcleo verbal. Em Ninam, há formas desenvolvidas e reduzidas, sendo estas últimas mais frequentes. As formas desenvolvidas são utilizadas com frequência para dar ênfase ou foco a um referente. A seguir, reproduzimos o quadro de Gale (1990):

Quadro 4 – pronomes pessoais

Referente	Forma desenvolvida	Forma reduzida
1º pessoa:		
Singular	Kamatʃa	Suj: tʃa / obj: tʃee
Dual	Kama tʃehek	tʃehek - tʃehe
Plural	Kama tʃamak	tʃamak - tʃampik
2ª pessoa:		
Singular	Kãho	Suj: wa / obj: wee
Dual	Kãho wehek	wehek
Plural	Kãho wamak	wamak
3ª pessoa (ANIMADO)		
Singular	Kama ø	pa
Dual	Kama kip	kip
Plural	Kama pik	pik
3ª pessoa (INANIMADO)		
Singular		Thë
Plural		Thë-k

Fonte: adaptado de Gale (1990)

Como citado anteriormente, as formas reduzidas da 3ª pessoa dual e plural são utilizadas também para pluralizar nomes. As formas reduzidas da 1ª pessoa, /tʃa/, e 2ª pessoa, /wa/, do singular são frequentemente incorporadas ao sintagma nominal ou aos nomes compostos em orações:

(4.a) wii tihi ‘árvore, pau’

wii- tʃa – tihɪ tɪtʃi-i
 Árvore- 1ªPS - árvore cortar –IMPERF
 Eu cortei a árvore

(4.b) Oro-k (ouros)

Oro – tʃa –k tʃia- i
 Ouro- 1ªPS -COL cavar- IMPERF
 Eu cavei por ouro

(4.c) xama yãhi ‘carne de anta’

xama - tʃa - yãhi pex=mo - i nasihɪ-xo
 Caititu- 1ªPS - carne querer=CAUS – IMPERF beiju – COMIT
 Eu quero carne de caititu com beiju

Determinantes Demonstrativos: são seis os demonstrativos em Ninam (ver tabela X) que funcionam como dêiticos tanto espaciais quanto temporais. Eles podem preceder os nomes que determinam, ou podem ser usados independentemente como únicos constituintes do SN (ver exemplos em (6.a) e (6.b)). Reproduzidos a seguir uma adaptação do quadro de Gale (1990, p. 57):

Quadro 5 – Determinantes demonstrativos de Gale (1990)

Função	Pronome-adjetivo	Pronome
Referente próximo do falante e do ouvinte	Hi	hei (hehei)
Referente distante do falante e próximo do ouvinte	Ei	amihi
Referente distante do falante e do ouvinte	Ai	hi

Fonte:dados adaptados de Gale (1990)

Em nossos dados, no entanto, a terminologia da autora não é totalmente consistente uma vez que o /ai/ funciona como um pronome indefinido da língua, que significa ‘outro’, sendo utilizado como determinante ou como um dêitico discursivo ou como um modificador. Por isso, sugerimos o seguinte classificação a partir de nossos dados:

Quadro 6- Determinantes demonstrativos

Função	Pronome
próximo do falante e do ouvinte	hei (hehei – mais enfático)
distante do falante e próximo do ouvinte	Amihi
distante do falante e do ouvinte	ih̃i

Fonte: autoria própria baseado em nossos dados

(6.a) Hei thiwë totihi

Esta mulher bom/bonito

Esta mulher (é) bonita

(6.b) Hei totihi

Este(a) bom.bonito

Esta (coisa, pessoa, etc.) é bonita

Determinantes possessivos: os determinantes possessivos são usados na posse adnominal, indicando o possuidor e precedendo os nomes possuídos. Diferentemente dos demonstrativos, os determinantes possessivos não podem constituir um SN independente, devendo sempre estar precedendo o nome possuído. Enquanto a 1^a e 2^a singular possuem tais determinantes, a 3^a pessoa, bem como 1^a e 2^a dual e plural, não possuem e requerem uma construção de posse adnominal distinta.

Quadro 7 – Determinantes possessivos

Pessoa e número	Determinante possessivo
1 ^a singular	Ipa
2 ^a singular	Aho
3 ^a , dual ou plural	Ø

Fonte: autoria própria

A construção de posse 3^a pessoa bem como 1^a e 2^a dual/plural envolvem estruturas distintas do SN, conforme será amplamente discutido na seção 4. Os exemplos em (7)

ilustram o SN possessivo para 1ª e 2ª pessoa singular (7.a) e (7.b), enquanto o exemplo (7.c) ilustra a estrutura distinta do SN possessivo para a 3ª pessoa.

(7.a) Ipa okoro

Meu cachorro

(7.b) Aho okoro

Teu cachorro

(7.c) Kama e okoro / Kama okoro e

Cachorro dele

Os nomes de parentesco têm comportamento diverso para o uso dos determinantes possessivos. O quadro a seguir é uma versão do que autora apresenta:

Quadro 8 - determinantes e sufixos possessivos de Gale (1990)

Referente	Pronome possessivo	Raiz	Sufixo	clítico
1ª	ipa	nome de	-txě	
2ª	aho	parentesco	-ho	
3ª	p-		(-p)	=e

Fonte: adaptado de Gale (1990)

Para a 1ª pessoa do singular, há ainda a presença do pronome possessivo *ipa*, que é opcional neste caso. O que é crucial tanto para a 1ª pessoa singular quanto para a 2ª pessoa singular é a adição obrigatória de um sufixo de pessoa para marcar o referente do possuidor de termos de parentesco. Esse sufixo, *-txě* ‘1ª singular’ e *ho* ‘2ª singular’ não aparece em outras construções (ver seção 4). Para 3ª pessoa, a autora glosa o prefixo /pe-/ como pronome possessivo, mas não diz qual seria a função do sufixo /-p/, apenas afirmando que acontece quando o termo de parentesco termina em vogal não-frontal. Há ainda o morfema possessivo *-e*, o qual tem posição fixa nesse contexto, ainda que pareça ser homólogo ao clítico =e= em alguma medida. Os exemplos a seguir são paradigmáticos para o termo ‘filho’:

(8.a) ipa iri-txě

meu filho

(8.b) aho iri-ho

teu filho

(8.c) p-iri-p=e
filho dele

3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA POSSE ATRIBUTIVA

A posse em Ninam pode ser construída tanto de modo atributivo, dentro do sintagma nominal, como também predicativa, pela relação entre sintagmas nominais (sem a presença obrigatória de uma cópula). Para essa descrição e análise, optamos por um ponto de partida semântico, uma vez que há diferenças entre a estrutura de posse de acordo com o campo semântico ao qual o conceito nominal faz parte. Sendo assim, primeiro descreveremos como funciona a posse para termos de partes do corpo, em seguida termos mais holísticos, ou seja, termos que não precisam de uma posse obrigatória, como manufaturas, e, por fim, nomes de parentesco. Essa apresentação não segue à risca simplesmente uma ordem entre nomes alienáveis e inalienáveis, isto é, nomes que não precisam de um marcador de posse e nomes que precisam dessa marca (PAYNE, 2006, p. 102), uma vez que há um compartilhamento entre características da posse entre eles, como também diferenças, as quais a ordem a seguir, por campo semântico, facilita o encadeamento das análises.

Partes do corpo humano: esses termos podem ser classificados como inalienáveis, uma vez que precisam de alguma marcação, nem que seja de indefinição. No caso do Ninam, quando se refere a um termo sem possuidor explícito, utiliza-se a forma /piri/, que é um pronome indefinido na língua, como os exemplos mostram:

(9.a) piri ãthahe
dedo de alguém

(9.b) piri mamok
olhos de alguém

(9.c) pere+he
cabeça de alguém

Quando o possuidor é referente à 1ª pessoa, o falante pode optar tanto pelo pronome possessivo /ipa/ ou o pronome pessoal de sujeito em sua forma reduzida /tʃa/, sempre antepostos ao nome:

(10.a) Ipa poko
1POS braço

Meu braço

(10.c) txa ãthahe

1SG dedo

Meu dedo

Quando o possuidor é referente à 2ª pessoa, não ocorre a possibilidade de atribuir a posse por meio do pronome pessoal, apenas pelo pronome pessoa de sujeito em sua forma reduzida /wa/ anteposto ao nome, construção essa que é a única em que pronomes pessoais ocorrem no SN:

(11.a) Wa=mamo=k

2SG olho COL

Teus olhos

(11.b) Wa=he

2SG cabeça

Tua cabeça

Para possuidor referente a 3ª pessoa, somente é possível o uso do pronome pessoal da 3ª pessoa do singular:

(12.a) Kama he

3SG head

Cabeça dele

Quando o possuidor é expresso com o nome de um outro ente ou por um nome próprio, há apenas a justaposição do possuidor antecedendo a parte do corpo possuída não sendo possível utilizar o clítico de posse =e=:

(13.a) Xama he

Anta cabeça

Cabeça da anta

(13.b) Xama poko

Anta braço

Braço da anta

(13.c) Xama e poko*

Xama poko e*

Nomes holísticos: termos para manufaturas, animais, plantas, entre outros são alienáveis, ou seja, não necessitam de marcação de posse para serem expressos. A esses, a estrutura da posse é mais regular para a 1ª e 2ª pessoa que os termos para partes do corpo, uma vez que, para essas pessoas de referência, utilizam-se apenas os pronomes possessivos de acordo com as ocorrências em nossos dados:

(14.a) Ipa okoro

1POS cachorro

Meu cachorro

(14.b) Aho okoro

2POS cachorro

Teu cachorro

(14.c) Ipa yãno

1POS casa

Minha casa

(14.d) Aho yãno

2POS casa

Tua casa

Para o referente de 3ª pessoa, a construção da posse utiliza a forma reduzida do pronome pessoal de 3ª do singular mais o clítico e= que pode vir anteposto ou posposto ao termo possuído em um sintagma nominal fora da oração⁷.

(15.a) Kama karatha e

3PS banana POS

Banana dele

⁷ Aqui, discorda-se da análise de Gale (1990) ao dizer que o pronome possessivo de 3ª pessoa seria /kama e/, uma vez que, como visto anteriormente, para partes do corpo humano, não se utiliza o clítico, sendo também evidente que /kama/ se trata da forma reduzida de 3ª pessoa:

(15.b) Kama e yãno
 3PS POS casa
 Casa dele

(15.c) Kama e okoro
 3PS POS cachorro
 Cachorro dele

Quando o possuidor é designado por um outro nome ou um nome próprio, utiliza-se o nome do possuidor seguido do clítico /e/, que pode também estar posposto ao possuído, e o termo possuído. Portanto, difere-se da construção de posse de partes do corpo para esse contexto, uma vez que para eles não é possível utilizar o clítico de posse:

(16.a) Parima theri yãno e
 Parima povo casa POS
 Casa do povo de Parima

(16.b) Alcides e tãno
 Alcides POS casa
 Casa do Alcides

Também é possível construir a posse por meio do sufixo possessivo -p, afixado imediatamente ao nome possuído, que em nossos dados apenas aparece uma ocorrência no singular:

(17.a) Kama yano-p
 3PS casa -POS
 Casa dele

Para construções no plural, utilizam-se os pronomes pessoais da 1ª, 2ª e 3ª do plural mais o sufixo possessivo -p afixado após o termo possuído:

(18.a) Kama tãmak yãno -p
 1PS 1PS casa -POS
 Casa de vocês (ou seria nossa casa?)

(18.b) Kama kip yãno -p
 3PS DU casa- POS

Casa de dois deles

(18.c) Kama pik yãno -p

3PS PL casa- POS

Casa deles

(18.d) Kãhowehék yãno-p

2PPL casa- POS

Nossa casa

(18.e) Kama pik okoro-p

3^aPL PL

Cachorros deles

(18.f) Kahowehek kanaw-p

2PPL cana- POS

Nossa canoa

(18.g) Kama pik kanaw-p

3^aPL PL

Canoas deles

(18.h) Kãho wamak warë-p

2SG 2PL caça –POS

Nossa caça / caça de vocês

Nomes de parentesco: a posse de termos de parentesco em Ninam é inalienável e, de todos os grupos semânticos até agora analisados, é a que mais se diferencia das demais na estrutura. Para a 1^a e 2^a pessoa do singular, é recorrente ainda a presença dos pronomes possessivos, mas também com adição de sufixos possessivos referentes a cada uma dessas duas pessoas: /-txë/ e /-ho/, respectivamente. Para a 3^a pessoa do singular, não se utiliza mais a forma reduzida como pronome pessoal, mas sim o prefixo /pe-/, que Gale (1990) identifica como pronome possessivo. Há também a presença do clítico de posse /e/ que nesse contexto tem posição fixa: sempre posposto à raiz. Além disso, ocorre a adição de um /-p/ à raiz quando ela termina em uma vogal não-frontal. Esse /-p/ seria um morfema de posse, mas que

a autora não desenvolve qual seria a motivação para que ele ocorresse, para além de um motivo fonológico. No quadro a seguir, evidenciamos esses nomes de parentesco para em seguida confrontar a análise da autora:

Quadro 8 – nomes de parentesco em Ninam

Conceito do parentesco	Referente	NINAM
MÃE, TIA MATERNA	Vocativo 1PS 2PS 3PS	nape (ipa) nape-txë na-aho me-ne=e
PAI, TIO PATERNO	Vocativo 1PS 2PS 3PS	Papa ipa papa-txë papa-ho p-êhe e
AVÓ, SOGRA	Vocativo 1PS 2PS 3PS	Txape ipa txape-txë txaa-ho mene e (pïtxës e)
AVÔ, SOGRO	Vocativo 1PS 2PS 3PS	Waxi ipa xowa-txë xowa-ho pixë e
FILHO	Vocativo 1PS 2PS 3PS	ipa ïri-txë [ïriho]/aho ïri-ho p-ïri-p e
FILHA	Vocativo 1PS 2PS 3PS	ipa tëë-txë tëë-ho p-ethe e
IRMÃ MAIS VELHA	Vocativo 1PS 2PS	ipa ami-txë ami-hõ

	3PS	pe amop e
IRMÃ MAIS NOVA	Vocativo 1PS 2PS 3PS	tise ipa xĩa-txë p-ethe e
IRMÃO MAIS VELHO	Vocativo 1PS 2PS 3PS	awë ipa awë-txë awë-ho p-eap e
IRMÃO MAIS NOVO	Vocativo 1PS 2PS 3PS	tixe ipa xĩa-txë xĩa-ho pi-xĩap e
NETO/SOBRINHO	Vocativo 1PS 2PS 3PS	ipa tharĩsĩ-txë tãrisi-ho pĩ tharĩs e
NETA/SOBRINHA	Vocativo 1PS 2PS 3PS	ipa txiha-txë txiha-ho pi-txap e
MARIDO	Vocativo 1PS 2PS 3PS	ipa yãrõ-txë yãrõ-ho pih yãrõp e
ESPOSA	Vocativo 1PS 2PS 3PS	ipa thiwi-txë thiwi-ho peh-tip e
CUNHADO	Vocativo 1PS 2PS 3PS	heri-txë heri-ho pe-heri e

Fonte: autoria própria

A partir da lista acima, é possível verificar que, para a 1ª pessoa, é recorrente uso do pronome possessivo /ipa/ (opcional) mais o sufixo de posse /-txë/ (obrigatório) à raiz, o que mantém a análise da autora. Para a 2ª pessoa, no entanto, não é tão frequente o uso do pronome possessivo, enquanto que o sufixo de posse /-ho/ é sistemático. Na 3ª pessoa do singular, é evidente a alteração fonológica na raiz, principalmente nos termos para mãe e pai. É também sistemática a presença do sufixo /pe-/, ao qual a autora chama de pronome possessivo, além de /-p/, que aparece em sete dos quinze termos, com um sufixo adicional para o qual a autora não traz uma análise conclusiva, e do clítico =e= em posição fixa após a raiz. Vamos agora explorar um pouco mais as propriedades de =e= e -p.

3.1 O CLÍTICO /=e/= E O SUFIXO /=p/

A questão que se apresenta em relação aos dados é a diferença no uso do clítico de posse /e/ e o sufixo de posse /p/, uma vez que ambos são morfemas utilizados para construir a posse em Ninam. Seria essa diferença semântica? Sintática? As diferenças até agora descritas são evidenciadas no quadro a seguir:

Quadro 10 – diferenças entre o clítico /=e/= e o sufixo /p/

USO DO CLÍTICO /e/	USO DO SUFIXO /p/
Construção de posse na 3ª pessoa do singular nos campos semânticos de nomes holísticos e parentesco (nomes de partes de corpo não requerem /e/)	Pouco frequente (1 ocorrência) na construção de posse na 3ª pessoa do singular para os nomes holísticos
Não é utilizado nas construções quando o possuidor é plural	Construção de posse mais quando o possuidor é plural
Proclítico ou enclítico ao núcleo nominal	Sufixado ao núcleo nominal

Fonte: autoria própria

Para nomes de parentesco, principalmente para o termo para mãe, é interessante notar que, quando se utiliza um modificador como /ai/ ‘outro’ junto à 1ª e 2ª pessoa do singular, ele sempre aparece logo em seguida do sufixo de posse /-txë/ e /-ho/ (exemplo 19.a e 19.b). No caso da formação do plural, em que se utiliza o sufixo /-p/, também percebemos que o

modificador o segue (19.c). Já para a 3ª do singular em que se aplica o clítico, o modificador é posto entre o núcleo e o /=e=/ (19.d):

19.a) Nape-txë ai

Minha outra mãe (minha tia)

19.b) Naa-ho ai

Tua outra mãe (tua tia)

19.c) Kahowehek nii-p ai

Nossa outra mãe (nossa tia)

19.d) Kama mene ai e

A outra mãe dele (tia dele)

Além de evidenciar que /=e=/ tem posição mais independente em relação ao núcleo, também nota-se que o sufixo -p pode estar no mesmo paradigma que os sufixos possessivos referentes à 1ª e 2ª pessoa do singular. Assim como /-txë/ pode ter vindo da forma reduzida do pronome pessoal de 1ª pessoa singular que, ao longo da história da língua, se tornou um formativo nas construções de posse, /-p/ pode ter surgido da forma /pa/. Essa hipótese, no entanto, precisa ser verificada com mais profundidade, uma vez que endossamos outra hipótese para este morfema a seguir na comparação com o Yanomama.

Em todo caso, Gale (1990) não faz uma distinção clara entre os usos desses dois morfemas, mas eles parecem ter funções específicas que estão em distribuição complementar, uma vez que utilizar os dois em um mesmo sintagma nominal incide em agramaticalidade como o dado a seguir mostra:

(20.a) *kama e okoro-p

3ªPS POS cachorro-POS

Cachorro dele

O sufixo /-p/ ocorre também em formação de nomes compostos, segundo Gale (1990),

os quais se diferenciam do sintagma nominal por haver um acento primário e um secundário nos nomes que os compõem, enquanto que os nomes em um sintagma nominal mantêm seu acento primário. Dentre outras construções, a autora classifica os exemplos a seguir como nomes compostos, os quais seguem a mesma estrutura da posse entre nomes independentes, ou seja, termo possuidor mais termo possuído com o sufixo /-p/ em seguida:

(21.a) Warë+iri - p

Caititu+filho – POS

Ninhada de Caititu (p.55)

(21.b) Warë+iri - p

Caça +criança– POS

Caça das crianças (p.114)

(21.c) Waretfehek+iri - p

aranha+filho – POS

ninhada de aranha

(21.d) okoro thai+iri - p

cachorro DIM+filho-POS

Filhote de cachorro

Nota-se que, nos dois primeiros exemplos (21.a e 21.b) acima, o nome composto é formado por dois termos, sendo o primeiro o termo ‘possuidor’ e o segundo o possuído. No terceiro e quarto exemplos (21.c e 21.d), percebe-se que o composto seria o modificador de grau /thai/ mais o termo para filho. No entanto, é preciso destacar que esse modificador é também utilizado para retomar a referência de um nome anteriormente mencionado. Essa análise se mantém paradigmática à análise da sequência “possuidor mais possuído”, uma vez que /thai/ recuperaria o termo cachorro no sentido de dizer ‘cachorrinho’.

(22.a) xakaw thai+iri - p

flecha DIM+filho-POS

flecha das crianças

No entanto, para o último exemplo (20.a), já não encontramos essa mesma lógica, pois, no exemplo para ‘flecha das crianças’, o termo para filho comporta-se como possuidor, enquanto que ‘flecha’ seria o possuído. Além disso, esses dados apresentam a sistemática

presença do termo para filho, que se comporta de maneira diversa segundo a glosa da autora, então é preciso que se busquem outros dados para verificar se se tratam de fato de nomes compostos e ou se essa estrutura teria a ver com a posse de um nome de parentesco.

O morfema de posse $-p$ em Ninam é homófono ao morfema nominalizador $-p$, que aparece também em posição sufixal ao verbo, segundo Gale (1990, p. 116). No entanto, os dados coletados do texto da autora parecem revelar uma estrutura semelhante à analisada para a posse e os “nomes compostos”:

(23.a) $\tilde{I}\tilde{e}=p$

Sangrento = NMLZ

sangue

(23.b) $ma + i =p$

chuva +aquoso=NMLZ

água

(23.c) $oi + i =p$

abelha sp. + aquoso =NMLZ

mel

É possível que a glosa que a autora fornece leve a essa interpretação de nominalizador, principalmente para o primeiro exemplo ‘sangrento’. No entanto, para os demais, a tradução deixa escapar o que está sendo recorrente para o uso do sufixo $-p$ como marca de relação genitiva genérica. Se se traduzisse ‘água’ por ‘líquido da chuva’ e ‘mel’ por ‘líquido da abelha’, encontraríamos a estrutura determinante-determinado com um possível sufixo de marcando o núcleo, o que é a estrutura típica da língua quando vemos a posse alienável e a estrutura de termos de parentesco. Os exemplos são ainda muito restritos para se afirmar com certeza de que não se trata de uma homofonia, mas os dados levam a crer que há alguma semelhança nesse uso que pode revelar uma relação entre os diversos usos de $-p$ para além dos contextos de posse. Ao apresentarmos como funciona a posse predicativa em Ninam, será possível delimitar suas funções, que, ao que tudo indica, são de uma marca de posse diferencial.

Como se viu anteriormente, $-p$ e $/e/$ nunca acontecem no mesmo sintagma nominal e é inusitado que haja 3 marcações de posse diferentes no mesmo sintagma. Por isso, comparamos os nossos dados aos nomes de parentesco na 3ª pessoa do singular de outra

língua Yanomami, o Yanomama, os quais possibilitam entrever os motivos desse comportamento morfológico:

Quadro 9 – Comparação entre nomes de parentesco na 3ª pessoa do singular do Ninam e Yanomama

Línguas	PAI	IRMÃ +VELHA	MARIDO	CUNHADO
NINAM	pêhe e	pe amop e	pih yãrôp e	peheri e
YANOMAMA	hêe=e	amipê=e	heãropê=e	heri=e

Fonte: autoria própria para dados do Ninam e adaptados do Yanomama

Os dados apontam, para além das questões fonológicas, que há simetria entre os termos de parentesco em relação à presença do morfema –e que indica a posse na terceira pessoa do singular nas duas línguas, como também em relação à consoante –p do Ninam e o morfema –pê do Yanomama, para o qual, nesse contexto, o autor não o glosa, mas que em outros (ou um outro -pê) é identificado como verbalizador (ver próxima seção). O curioso, no entanto, é a posição desse morfema na estrutura do lexema: antes do morfema –e, o que não acontece nos termos dos campos semânticos de Corpo humano e inalienáveis, uma vez que neles não aparece nenhuma marca entre o clítico e a raiz nominal.

Em Ninam, Gomez (1990) encontra uma razão fonológica para o acréscimo da consoante, em Yanomama surge na raiz da palavra. Teria esse morfema, em um estágio anterior dessas línguas, exercido alguma função de posse, uma vez que tanto em Ninam quanto em Yanomama há formas cognatas que desempenham essa mesma função?

Uma outra informação que merece destaque é a presença do morfema p- no Ninam e sua ausência no Yanomama. No entanto, em Yanomama, há uma estrutura com o pronome indefinido pei que, de acordo com FERREIRA (2017), pode ocorrer com todos os nomes de parentesco nas três pessoas do discurso, inclusive as que estão formalmente indicadas:

(24.a) Ararima pei hêe e

Ararima INDEF pai DIF.PART

Pai do Ararima

(24.b) Ipa pei ami=e

1pos INDEF daughter= DIF.PART

My sister

(24.c) pei hẽẽ e

INDEF pai DIF.PART

Pai dele

Este último dado pode ser comparado ao dado do Ninam

NINAM (24.d) pẽhe e

‘pai dele’

YANOMAMA (24.e) pei hẽẽ e

INDEF pai DIF.PART

Pai dele

Podemos perceber que p- e pei têm posição simétrica e que apontam para uma mesma função: um resquício desse pronome indefinido que, no Ninam, aparece também nos termos para parte do corpo, como citamos anteriormente. Portanto, a próxima seção se deterá na comparação entre Ninam e Yanomama, tendo em vista que pode ser muito proveitosa para tornar mais nítida a estrutura da posse e a função de determinados morfemas nessas línguas.

4. COMPARAÇÃO DA ESTRUTURA DE POSSE EM NINAM E YANOMAMA

Na descrição de FERREIRA (2017) do Yanomama, afirma-se que nessa língua as construções de posse não estão disponíveis para todos os tipos de nome da mesma forma. O autor divide sua análise de acordo com os 4 tipos de nomes que ele elenca, os quais terão suas particularidades quanto à posse apresentadas aqui a fim de facilitar a comparação com o Ninam. A partir disso, também traremos dados da posse predicativa, confrontando as duas línguas a fim de que se ilumine a questão deixada na seção anterior sobre o clítico /e/ e o sufixo de posse /-p/.

Posse de partes do corpo: o autor afirma que a posse da relação parte-todo nunca é expressa por pronomes possessivos ou pelo que clítico /e/, o qual ele glosa como “participante diferencial”. A explicação que ele dá é que esse morfema é utilizado em outras funções além da construção da posse: como enclítico, marca “argumentos oblíquos que referem a entidades altamente animadas” (FERREIRA, 2017, p. 436); como proclítico verbal, esse morfema seria um “marcador de mudança de referência, indicando a introdução de um novo (altamente animado) participante na posição absoluta do predicado (tanto sujeito como paciente)” (idem.). Para os fins desse trabalho, focaremos apenas na função dele dentro no sintagma nominal como marcador de posse, mas essas indicações serão úteis para as generalizações que se farão sobre esse clítico no Ninam mais à frente.

A posse, então, é construída ou com o pronome pessoal referente à 1ª e 2ª pessoa do singular, ou por meio da justaposição entre a parte e o todo caso for um referente de 3ª pessoa, sem o uso do morfema /e/, como os exemplos a seguir retirados da sua tese permitem visualizar:

(25.a) Kami=ya=he

1 1SG cabeça

Minha cabeça

(25.b) Kunathoi=poko

Kunathoi=braço

Braço do Kunathoi

Na descrição para o Ninam, apontamos que apenas aos nomes referentes à 1ª pessoa singular é possível utilizar tanto o pronome possessivo /ipa/ quanto a forma reduzida do pronome pessoa /ya/ (25.a). As demais pessoas são construídas da mesma forma como Yanomama.

Holônimos e nomes classificados: FERREIRA (2017) afirma que esses tipos de nomes, por sua vez, podem levar os pronomes possessivos de 1ª pessoa, /ipa/, e 2ª pessoa, /aho/, e que a 3ª também pode levar o morfema /e/, o qual aparece sempre em seguida da raiz nominal:

(26.a) Ipa xaraka=a

1POS flecha 3SG

Minha flecha

(26.b) Aho xaraka=a

2POS flecha =SG

Tua flecha

(26.c) Kama xaraka=e

3 flecha = DIF.PART

Flecha dele

A principal diferença do Yanomama com o Ninam é a presença do morfema singulativo =a (25.b), o qual contrasta com o morfema de plural =pë (26.a) no mesmo paradigma. Para a 3ª pessoa do singular, é possível que o morfema de plural siga o participante diferencial (26.b), revelando que este último está em um paradigma diferente. Em Ninam, o formativo de número, como vimos, é construído por meio do pronome pessoal de 3ª (26.c) ou por meio do partitivo coletivo -k. No caso da 3ª pessoa do singular essa forma reduzida pode acontecer depois do clítico /=e=/ (26.d), o que demonstra que, apesar de não ser por cognatos, há simetria entre as construções de plural do possuído nas duas línguas:

(27.a) ipa xaraka=pë

1POS flecha PL

Minhas flechas

(27.b) Ararima xaraka=e=pë

Ararima flecha =DIF.PART=PL

Flechas do Ararima

(27,c) ipa okoro pïk

1POS cachorro 3ªPPL

Meus cachorros

- (27. d) kama okoro e pik
 3ªPS cachorro POS 3ªPPL
 Cachorros dele

Há outra possibilidade de construção da posse para esses tipos de nome, o que não inclui as partes do corpo, que é feita por meio homófono ao morfema anteriormente citado para plural, =pë, o qual FERREIRA glosa como verbalizador, uma vez que ele transforma bases nominais em predicados. Essa estrutura, portanto, dispensa os pronomes possessivos e o morfema /e/, o que excluiria a interpretação dele ser o pluralizador, já que este pode modificar bases com aquele clítico. Os exemplos a seguir ilustram esse tipo de predicado existencial em Yanomama:

- (28.a) Kami ya=xaraka=pë

1SG 1SG flecha =VBLZ

(Essas são) minhas flechas (lit. Eu sou “flexudo”)

- (28.b) Ararima a=xaraka=pë

Ararima 3SG=flecha=VBLZ

(Elas são) flechas do Ararima (lit. Ararima é “flecludo”)

Nos dois exemplos acima, percebe-se que, ao se utilizar o verbalizador, o núcleo, ou seja, o nome como predicado, precisa da marcação proclítica tipicamente verbal da pessoa à qual faz referência o possuidor. É notável que há semelhança entre esse verbalizador e a marca de posse –p, a qual constrói estruturas semelhantes a essa, principalmente no plural:

Quadro 11 – marca de posse do Ninam e verbalizador do Yanomama no plural

PLURAL	NINAM	YANOMAMA

PRONOME PESSOAL	Kama tʃamak tʃãno -p 1PS 1dual casa POS nossa casa	Kama yamaki=yano=pë 1 1PL casa – VBLZ Nossa casa (“Nós estamos casados”)
	Kama kip tʃãno -p 3PS DU casa POS Casa de dois deles	Kaho wahaki=yano=pë 2 2DU casa- VBLZ A casa de vocês dois
	Kãhowehék yanop Nossa casa	

Fonte: autoria própria com base em dados próprios e de FERREIRA (2017)

A relação que se pode estabelecer, até o momento, é que o sufixo de posse /-p/ no Ninam poderia ter, em um estágio anterior, tido essa função também de verbalizar formas nominais, mas que se perdeu ou se especializou para determinados contextos.

Nomes de parentesco: esses termos não se comportam adequadamente como nomes inalienáveis, uma vez que, em Yanomama, a posse desses nomes não encontra a mesma regularidade encontrada nos outros tipos de nomes, como também tem propriedades que são exclusivas a eles. O quadro a seguir exemplifica uma das possíveis construções para a posse em Yanomama comparada ao do Ninam:

Quadro 12 – comparação dos nomes de parentesco de Ninam e Yanomama

MÃE	NINAM	YANOMAMA
	1PS) ipa napetxë 2PS) naaho 3PS) mene e	nãa=a=rĩ nãahu=a(=rĩ) nêe=e
PAI	ipa papatxë aho papaho Pêh e e	hãa=a=rĩ hãahu=a(=rĩ) hêe=e
FILHO	ipa iritxë [iriho]/aho uruho	ipa uhuru=a aho uhurupë=a / uhuruhu=a

	pĩrip e	uhurupë=e
FILHA	ipa tēēt̃xë tēēhō peth e	ipa thēē=a aho thēēhē=a / thēēhē=a thēē=e
IRMÃ MAIS VELHA	ipa amit̃xë amihō pe amop e	ipa ami=a amihi=a / aho ami=a amipë=e
IRMÃO MAIS VELHO	ipa awēt̃xë awēho peap e	ayō=a=ri ayōho=a / aho ãyo=a ayō=pë=e
NETO/SOBRINHO	ipa tharĩsīt̃xë tārisiho pĩ tharĩs e	ipa tharĩsi=a aho tharĩsi=a / tharĩsihi=a tharĩsipë=a
NETA/SOBRINHA	ipa txihat̃xë txihaho pitxap e	ipa thathë=a aho thathë=a / thathëhë=a thathë=e
MARIDO	ipa yārōt̃xë yārōho pĩh yārōp e	ipa heāro=a aho heāropë=a / heāroho=a heāropë=e
ESPOSA	ipa thiwĩxë thiwiho pehtip e	ipa thuwë=a aho thuwëpë=a / thuwëpëhë=a thuwëpë=e
CUNHADO	herit̃xë heriho peheri e	ama=a=rĩ aho heri=a heri=e

Fonte: autoria própria com base em dados próprios e de FERREIRA (2017)

No caso das construções do sintagma nominal referente aos nomes de parentesco, percebe-se que os sufixos possessivos /-txë/, /-ho/ e /-p/ em Ninam, como também /-ho/ e /-pë/ em Yanomama, têm posição paradigmática e fixa após o núcleo, o que mostra que eles estão mais lexicalizados como formativos da estrutura, do que morfemas produtivos de fato. Tanto é que o singulativo =a do Yanomama e o clítico /=e/ das duas línguas ocorrem em seguida do núcleo marcado com estes morfemas, o que não acontece em nenhum outro contexto. No caso do Ninam, ainda é possível a presença do pluralizador em seguida do

clítico, o que nos leva a postular que /=e/ tem posição fixa no núcleo na construção de parentesco: depois do núcleo e antes do modificador. Retomando aquilo que se disse sobre /e/ estar em um paradigma diferente de =a com relação aos nomes alienáveis (27.b), podemos concluir até o momento que os nomes de parentesco conservaram algum estágio mais remoto das línguas em que /=e/ faria às vezes de alguma espécie de pronome relativo como o ‘cujo’ do português, que retoma o núcleo e antecipa o que termo em seguida. O quadro a seguir é uma proposta de estrutura interna dessa construção e da posição do clítico /=e/ nesse tipo de sintagma:

Quadro 13- estrutura interna do sintagma nominal de nomes de parentesco

NINAM	YANOMAMA
[ipa [yãrõ=txë]]SN	[ipa [[hearõ=ø] ø=a]]SN
[aho [yãro=ho]]SN	[[heãro=ho]N ø=a]SN
[pih [[yãro=p]] =e] pik]SN	[kama [thuwë=pë]N =e-ø]SN

Fonte: autoria própria

Além da presença do singulativo =a, outra marca que não encontramos em Ninam é o reverencial =rĩ. Da parte do Ninam, verificamos anteriormente que temos a presença do pe-inicial, o qual já verificamos se tratar da forma reduzida do pronome indefinido. Outra característica importante anteriormente apontada é a presença do sufixo –p e do morfema –pë nos nomes referentes à 3ª pessoa. Essas formas, como dito anteriormente, podem ser cognatas porque a simetria que há entre elas é evidente na construção da posse nos nomes de parentesco e em na posse de termos alienáveis.

FERREIRA (2017) afirma que nomes de parentesco, quando o possuidor é um referente da 3ª pessoa, também permitem a construção com o verbalizador =pë, como o exemplo a seguir evidenciam:

(29.a) Ararima a=hëẽ=pë

Ararima 3SG=pai=VBLZ

Pai do Ararima (lit. Ararima é “paizado”)

Outros termos de parentesco também permitem essa construção para outras pessoas, o que os faz similar aos holônimos, como é o caso do termo para “mulher”:

(30.a) Kaho wa=thuwë=pë

2 2SG= mulher=VBLZ

tua esposa (lit. Você está “mulherado”)

(30.b) Aho thuwëpë=a

2POS esposa=3SG

Tua esposa

(30.c) Kunathoi thuwëpë=e

Kunathoi esposa=DIF.PART

Esposa do Kunathoi

O que chama atenção é o fato de que esses dados retirados do trabalho de FERREIRA não têm uma glosa consistente tendo em vista que, no primeiro exemplo, =pë é glosado como verbalizador, mas nos demais não. Esses dados parecem corroborar para a hipótese histórica desse formativo: de que esse =pë do primeiro exemplo se cristalizou como formativo dessa palavra, mas que, em algum outro estágio anterior, teria ainda essa função de verbalizador. Considerando que -p do Ninam é uma forma cognata, podemos apontar que o trajeto desse morfema foi o mesmo, a diferença é que este se tornou muito mais restrito em seu uso no Ninam, conservando resquícios dessa possibilidade predicadora.

5. BREVE DESCRIÇÃO DA POSSE PREDICATIVA

Tanto em Ninam como em Yanomama, não há predicados verbais que indicam a posse. Esta é construída por meio da relação entre sintagmas nominais em uma predicação existencial, em que os nomes funcionam como predicados não-verbais pela relação de justaposição que estabelecem. Em Ninam, um desses predicados é a partir dos advérbios existencial /kia/ ou de negação /pemi/:

(31.a) Ipa kanaw kia

Eu tenho uma canoa (lit. minha canoa existe/tem)

(31.b) Ipa kanaw pemi

Eu não tenho canoa (lit. minha canoa não existe/tem)

(31.c) Ipa papatxë kia

Eu tenho pai

(31.d) Ipa mehetrãi ihit pik kia

Eu tenho três filhos

Essas construções em Yanomama podem ser traduzidas por meio da construção com o verbalizador =pë, como a glosa que FERREIRA dá para o seguinte dado nos permite afirmar:

(32.a) Kami ya= horema=pë

1 1SG= minhoca=VBLZ

Eu tenho minhocas.

Ainda, no entanto, restam dúvidas se nos dados a seguir a palavra /pihi/ funcionaria como uma cópula, uma vez que sua presença é recorrente. O uso desse morfema funcional é constante em construções que se referem a estados da mente. Nesse sentido, não está claro ainda se essa palavra seria um como piri ‘pronome indefinido’ no sintagma verbal, o qual faz referência ao sintagma nominal anterior que está topicalizado ou se funciona como uma cópula:

(33.a) iri thai pihi ixi ipa irithai

glosa interlinear

O menino escuro é meu filho

(33.b) pata pihikii awëtxë
o tuxaua (o velho) ´e meu irmao

(33.c) ihì thiwëtxë pihikii ipa heritxë
Essa mulher é minha cunhada

(33.d) ihì irithai pihirei ipa iritxë
O menino grande é meu filho

Outra maneira de atribuir a posse em Ninam é por meio da justaposição entre dois sintagmas nominais os quais se configuram como uma predicação equativa na língua:

(34.a) [ihì]SN [napetxe]SN
Aquela é minha mãe

(34.b) [ihì] [naaho]
Aquela é tua mãe

(34.c) ihì mene e
Aquela é a mãe dele

(34.d) [Albino] [ipa awëtxë]
Albino 1POS irmão
Albino é meu irmão

Nos dados acima, o demonstrativo / ihì/ funciona como núcleo de um sintagma nominal e o as formas para mãe como núcleo do outro sintagma. Essa justaposição também é possível em Yanomama, ao qual o dado abaixo ilustra como também é possível construção similar, com a diferença de haver o singulativo /a/ sufixado ao nome:

(35.a) Hei Ararima=a
Este Ararima=SG
Este é o Ararima

(35.b) Kunathoi ipa hepara=a
 Kunathoi 1POS irmão=SG
 Kunathoi é meu irmão

(35.c) Hei Ararima xaraka=e=pë
 Este Ararima flecha=DIF.PART= PL
 Estas são Flechas do Ararima.

Em ambas as construções acima não há a presença de uma forma verbal, apenas a justaposição. Porém, é também possível que se construa por meio do predicado com o verbalizador. No primeiro dado a seguir, temos um sintagma nominal, o qual pode ser transformado para predicado nominal por meio da adição de /pë/:

(36.a) Ararima xaraka=e=pë (SINTAGMA NOMINAL)
 Ararima flecha =DIF.PART=PL
 Flechas do Ararima

(36.b) Ararima a=xaraka=pë
 Ararima 3SG=flecha=VBLZ
 (elas são) flechas do Ararima

Caso queiramos por em foco o termo possuído em Yanomama, a construção resultará em um predicado possessivo em que o núcleo do predicativo é a o possuidor:

(37) Hei xaraka a= ka= ku= i Ararima =e
 Esta flec 3SG=FOC=COP=REL Ararima = DIF.PART
 Essa flecha é do Ararima

Nota-se que neste caso, há a presença de uma cópula, a qual se prefixa o singulativo /a/, que parece ser um termo que retoma o sintagma nominal anterior, funcionando com uma marca do argumento do predicado formado pelo verbo de ligação. Essa construção, em Ninam, não requer cópula, como dissemos anteriormente, apenas a presença do clítico de posse no termo possuidor, o que demonstra que ele, por si só, consegue retomar o núcleo que está focalizado no sintagma nominal:

(38) Hei xakaw Thiago e (NINAM) (predicado possessivo)
 Esta flecha Thiago POS
 Essa flecha é do Thiago

Quando o sintagma nominal que contém a posse é o argumento de um verbo transitivo, percebe-se que, em Yanomama, o morfema /e/ é incorporado ao verbo como o dado a seguir demonstra:

- (39) Ararima hẽẽ ya = e= naka =re=ma
 Ararima pai 1SG=DIF.PART= chamar.pedir=PFV1=PST
 Eu convidei o pai do Ararima

Caso haja a verbalização do termo possuído, este terá que, além de marcar o possuidor, que é o argumento interno do predicado nominal, que funciona como oração subordinada do verbo principal, por meio do singulativo /a/, incorporar o sujeito da oração :

- (40) Ararima ya= a= hẽẽ=pẽ naka= re=ma
 Ararima 1SG=3SG= pai=VBLZ chamar.pedir=PFV1=PST
 Eu convidei o pai do Ararima

O que os dados demonstram é que o morfema de participante diferencial e o sufixo verbalizador são mutuamente excludentes, uma vez que não ocorrem na mesmo enunciado. Outro ponto importante é que /e/ é o responsável por retomar o núcleo do sintagma, o que não se aplica ao /pẽ/ por este apenas verbalizar a raiz nominal, cabendo ao singulativo /a/ cumprir a retomada do núcleo. Em Ninam, temos a ocorrência da construção com o clítico /e/, o qual cumpre o papel de retomar o núcleo do argumento interno, o qual também é incorporado ao verbo transitivo:

- (41) Albino pẽhẽ txe= e= naka =re= kẽ=na
 Albino pai 1SG= POS= chamar.pedir =TRANS = passado
 Eu convidei o pai do Albino

A possibilidade do clítico /e/ ser incorporado ao predicado verbal demonstra que ele pode ser comportar como um termo anafórico que retoma o núcleo do sintagma nominal o qual faz parte. No entanto, ainda não verificamos a possibilidade dele referir a termos que não estejam em uma construção de posse como dito anteriormente sobre o morfema /e/ em Yanomama. No entanto, essa possibilidade de movimentação contrasta com a posição fixa do sufixo de posse /-p/ nas orações equativas a seguir:

- (42.a) ihĩ piri xixi kahõ wamak infermero-p
 Aquele branco 1PL 1PL enfermeiro-POS
 Aquele branco é nosso enfermeiro
 lit. aquele, o que é branco, enfermeiro **de** vocês

(42.b) kahõ wamak -in xapori -p
 1PL 1PL -AG pajé -POS
 Aquele é nosso pajé

(42.c) ihì pihikii kahõ wamak -in pata-p xapori
 aquele ? 1PL 1PL -AG ancião-POs pajé
 Aquele ali é o nosso respeitado pajé (ou seria nosso ancião, o pajé?)

Verifica-se que o sufixo de posse tem posição fixa, ou seja, sempre ocorre sufixado imediatamente após o termo que segue o pronome pessoal, seja ele o núcleo seja um modificador do núcleo, como ocorre no último dado. Este morfema também tem comportamento semelhante ao verbalizador /pë/ em Yanomama, pois ele também seleciona pronomes pessoais para compor a posse, sempre em posição fixa, marcando a fronteira do sintagma nominal. Além do mais, os dois últimos dados apresentam o sufixo agentivo ao pronome pessoal, como se este estivesse se comportando como sujeito do predicado nominal. Como não verificamos ainda esse comportamento em outros dados, não podemos afirmar que o sufixo /p/ seria um verbalizador à maneira do Yanomama, mas que ele conserva vestígios dessa propriedade de tornar bases nominais possíveis de selecionar argumentos.

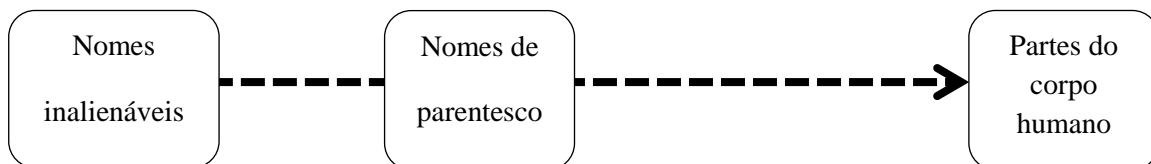
Portanto, podemos concluir até o momento que, assim como em Yanomama, os morfemas /e/ e /p/ possuem propriedades específicas: enquanto aquele serve para construir a posse na 3ª pessoa, podendo também servir de termo anafórico do núcleo do sintagma nominal em predicados nominais ou incorporado ao verbo transitivo, este serve para construir a posse em contextos principalmente relacionados ao plural, em posição fixa, sem a possibilidade de fazer retomada de qualquer termo, mas que possibilita que a base à qual se sufixa selecione argumentos, tal como o verbalizador em Yanomama. Parece-nos que o morfema /p/ em Ninam reúne as propriedades tanto do morfema verbalizador quanto do morfema de plural, que são homófonos em Yanomama, de modo que essas funções foram se confundido ao longo da história da língua Ninam, ainda mais pela perda de vários morfemas caros a essa construção em Yanomama, como é o caso do singulativo /a/, que não ocorre em Ninam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi descrever e analisar as construções de posse na língua Ninam, família Yanomami. Na primeira seção, fizemos alguns apontamentos teóricos para que, em seguida, pudéssemos descrever o que são os nomes em Ninam e como eles se comportam no sintagma nominal. De maneira geral, eles são o núcleo do sintagma e podem ser determinados por pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos, além de serem modificados por adjetivos, quantificadores, nesta ordem. O número é geralmente marcado depois do núcleo e antes da marcação de caso, quando esta ocorre, encerrando o sintagma.

Quanto à posse, verificamos que ela é sempre marcada no núcleo do sintagma nominal, que é o termo possuído, na seguinte ordem [POSSUIDOR – POSSUÍDO] como vimos ser comum na região do Norte Amazônico. Isso também foi notado para o Yanomama, o que pode contribuir certamente para a tipologia da posse na região. O que no, entanto, é importante destacar é que essa marcação apenas ocorre para a 3ª pessoa do singular com o clítico /e/ para os nomes alienáveis e nomes de parentesco, que são de posse inalienável, uma vez que partes do corpo não permitem esse uso. Nesse caso, ocorre a justaposição na ordem [POSSUIDOR – POSSUÍDO].

Se considerarmos a divisão por grupos feita por Pereira (2016), Ninam estaria no grupo A, no qual estão as línguas que sempre marcam a diferença entre nomes alienáveis e inalienáveis, mas com uma complexidade extra: estes últimos apresentam uma maior diversidade de construções. Nesse sentido, Ninam destoa da generalização teórica de que nomes inalienáveis seriam menos marcados, pois, como vimos, há uma morfologia muito complexa envolvendo nomes de parentesco, que não se vê em partes do corpo. Seria interessante então falar em *continnum* da posse na língua em que temos em uma ponta os nomes inalienáveis, nomes de parentesco e, por fim, partes do corpo, como a figura ilustra:



A posse de nomes alienáveis, os quais chamamos de holônimos, para a 1ª e 2ª pessoa do singular é baseada na construção [POSSUIDOR – POSSUÍDO], na qual o possuidor é marcado pelos pronomes possessivos determinantes ‘ipa’, meu, e ‘aho’, teu. Já para a 3ª pessoa do singular, a construção segue a mesma ordem, em que o possuidor pode ser um nome próprio ou a forma do pronome pessoal de 3ª pessoa singular. Há também a marcação

do clítico /=e=/, que pode ocorrer antes ou depois do núcleo, que é o nome possuído. Verificamos que, caso haja pluralização, esta ocorre depois do clítico, nunca antes, o que pode ser uma evidência de que o lugar prototípico deste morfema é depois do núcleo. No entanto, é preciso levantar a hipótese de que /=e=/ na verdade seria o próprio núcleo do sintagma, uma vez que é ele quem será incorporado ao verbo transitivo. A outra hipótese que levantamos é que este clítico pode ser também uma espécie de pronome relativo como o ‘cujo’ do português, pois ele estabeleceria uma dupla referência no sintagma, do possuidor e do núcleo, como quando o clítico /=e=/ o faz na referência na posse predicativa. Em todo caso, é preciso que, em estudos futuros, obtenham-se mais dados sobre este morfema em contextos similares ao participante diferencial do Yanomama, uma vez que esta glosa que FERREIRA (2017) atribui a ele consegue resolver muitas questões sintáticas para a língua que ele analisa.

Para partes do corpo, que são inalienáveis na língua, há a preferência pelas formas reduzidas dos pronomes pessoais para marcar o possuidor na 1^a, 2^a e 3^a pessoas do singular, observando que o clítico /=e=/ jamais ocorre para a 3^a. A questão que não foi respondida é por que há essa diferença: seria por que partes do corpo são altamente referenciais, no sentido de que já estabelecem uma relação parte-todo imediata, a qual não precisa de marcas a mais para isso? Baseado na ideia do continuum de posse na língua, partes do corpo seriam o protótipo de Ninam para nomes inalienáveis? Outro ponto importante é a marcação da indefinição por ‘piri’, o qual ocupa a posição de possuidor quando este não é um referente específico.

Para nomes de parentesco, além de marcar o possuidor, de modo opcional, com um pronome possessivo para a 1^a e 2^a pessoas do singular, também há os sufixos formativos /-txë/ e /-ho/ fixados ao núcleo, os quais só aparecem nesse contexto. Como discutimos, essas formas, por não serem produtivas, na verdade parecem já estar lexicalizadas, sendo, portanto, um possível resquício de pronomes pessoais. Para a 3^a singular, notou-se que a construção apresenta o resquício do morfema de indefinição ‘piri’ prefixado ao núcleo, que logo em seguida recebe, a depender do nome, um morfema /-p/, o qual também consideramos estar fossilizado no núcleo. Como ocupa posição simétrica às demais pessoas do singular, podemos inferir que ele também seja um resquício de morfema relacionada à forma pessoal pa- de 3^a pessoa singular. Em seguida, ocorre o morfema /=e/, o qual, como apontamos, parece estar fora da estrutura [p=RAIZ=p]. Como vimos, é ele que sai do sintagma nominal para ser incorporado ao verbo, o que pode ser mais um indício de que ele seja mais do que um construtor genitival na língua.

Por fim, a última construção é a do possuidor no plural, a qual verificamos acontecer para nomes alienáveis e nomes de parentesco, uma vez que não aparecem em nossos dados para partes do corpo. Essa construção é [Pronome Pessoal do Plural⁸ – POSSUÍDO =p], no qual nada se interpõe entre o núcleo possuído e o morfema /-p/. Este /-p/ seria a marca de genitivo plural, como Gale glosa em seu último trabalho de 2017. No entanto, levantamos a hipótese de que ele seria um resquício do que seria o verbalizador em Yanomama, uma vez que seleciona pronome pessoal, no qual é marcado o caso agentivo/instrumental em alguns de nossos dados. Também verificamos que ele também ocorre na formação de compostos e que também tem um homófono nominalizador, que aparece só para o termo para ‘filho’, todos com a estrutura muito semelhante de [POSSUIDOR – POSSUÍDO=p], o que parece mostrar que, se se tratar do mesmo morfema, ele estabelece uma relação de complementação interna dos termos que compõem o sintagma. Outra hipótese seria que o formativo /-p/ da 3ª pessoa singular de nomes de parentesco e esse sufixo de posse podem ter a mesma origem com processos de lexicalização distintos. Poderia ser sido um tipo de caso ou pós-posição que evoluiu a partir de uma forma pessoal também. Em todo caso, é preciso que mais dados e testes sejam feitos, inclusive verificando as demais línguas da família Yanomami, para checar essas hipóteses, uma vez que a quantidade de dados deste trabalho foi insuficiente para tanto.

Pesquisas futuras precisam, portanto, testar todas as hipóteses apresentadas a partir de uma coleta de dados que vise sistematizar todas as possibilidades de construções de posse na língua. A função do morfema /=e=/ em Ninam precisa de mais dados que não se restrinjam a termos de parentesco na posse predicativa e como argumento de verbos transitivos. É preciso verificar também como o sufixo /=p/ de posse pode ou não ser um resquício de um verbalizador na língua, por isso é importante buscar casos que ele ocorra no singular e na estrutura de nomes compostos e nominalizações. Aliás, são vários os morfemas homófonos ao /-p/ na língua e é crucial que se busque defini-los com mais propriedade uma vez que eles se confundem nas análises como é o caso do sufixo /-p/ na 3ª pessoa do singular nos nomes de parentesco. Além de um trabalho mais detalhado de descrição dessa língua, é preciso que haja mais trabalhos histórico-comparativos a fim de que se averigue como se dão essas questões nas outras línguas Yanomami.

Apesar de haver deixado várias questões a serem respondidas e não ter trazido análises mais refinadas sobre questões que se abordaram, este trabalho foi importante para contribuir,

⁸ Ainda não temos dados com essa posição sendo preenchida por um nome.

mesmo que timidamente, com a linguística produzida no país, visto que ainda é pouco o número de estudos que se debruçam sobre a descrição científica de línguas indígenas, o que não apenas é um reflexo do estado dos estudos linguísticos no Brasil, mas também do cenário de descaso com os povos indígenas. É sintomático o projeto de desmonte e desvalorização dos direitos, previstos na Constituição Federal de 1988, dessas comunidades, as quais são constantemente alvo de interesses hegemônicos, que visam apagar toda a diversidade de viver a favor do enriquecimento de uns poucos indivíduos. Sendo assim, estudos que venham a documentar, registrar e descrever essas línguas, além do valor científico, também são ferramentas que somam à luta da causa indígena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHACON, Thiago Costa Chacon. Relatório de pesquisa de campo entre os Uruak (Arutani) e Ninam (Xiriana). Universidade de Brasília, 2017.
- CROFT, William. *Typology and Universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- FARIAS, Gabriel Soares. Construção do dicionário multimídia Arutani-Ninam. Artigo de iniciação científica. Universidade de Brasília, 2020.
- FERREIRA, Helder Perri. Esboço Gramatical do Ỹaroamë: Língua Yanomami falada na Serra do Pacu/ RR. Relatório para museu do índio (corrigir)
- FERREIRA, Helder Perri. Yanomama Clause Structure. LOT: The Netherlands. 2011 (v. 1 e 2)
- GÓMEZ, Gale Goodwin. The Shiriana dialect of Yanam (northern Brazil). Ph.D. Columbia University, 1990
- GÓMEZ, Gale Goodwin. Expressing possession in the noun phrase in Ninam (northern Brazil). In: QUEIXÁLOS, Francisc. GOMES, Dionei M.(Orgs). *O sintagma nominal em línguas amazônicas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.
- LAZZARINO-CYRINO, J. P. Tipologia linguística: métodos, generalizações e diacronia. MACABÉA – REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI, CRATO, V. 8., N. 2., 2019, p. 306-322.
- MOORE, Denny. GALLUCIO, Ana Vilacy. Perspectives for the documentation of indigenous languages in Brazil. In: BAÉZ, Gabriela Pérez, ROGERS, Chris. LABRADA, Jorge Emilio Rosés (editors). *Language Documentation and Revitalization in Latin American Contexts. Trends in Linguistics. Studies and Monographs 295*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2016.
- MOORE, Denny. GABAS JR, Nilson. *O futuro das línguas indígenas brasileiras*. Museu Paraense Emílio Goeldi. 2008.
- MIGLIAZZA, Ernest C. Grupos lingüísticos do territorio federal de Roraima. In: *Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica*. v. 2. Amazonas, 1967.p. 153-173.
- MIGLIAZZA, Ernest C. Languages of Orinoco-Amazon Region: Current Status. In: *South American Indian Languages – Retrospect na prospect*. University of Texas Press, Austin. 1985.
- MIGLIAZZA, Ernest Cesar. *Yanomama grammar and intelligibility*. Indiana University. Ph.D, 1972.
- MIRANDA, Camille Cardoso. Analisando a posse atributiva em línguas Arawák faladas na região Amazônica. *Revista de Letras Norteamentos*. Dossiê temático:Para a década das línguas indígenas, Sinop, v.13, n.33, p -107-128, nov. 2020.
- NICHOLS, Johanna. BICKEL, Balthasar. Locus of Marking in Possessive Noun Phrases. 2013. In: Dryer, Matthew S. & Haspelmath, Martin (eds.) *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. (Available online at <http://wals.info/chapter/24>, Accessed on 2020-12-05.)

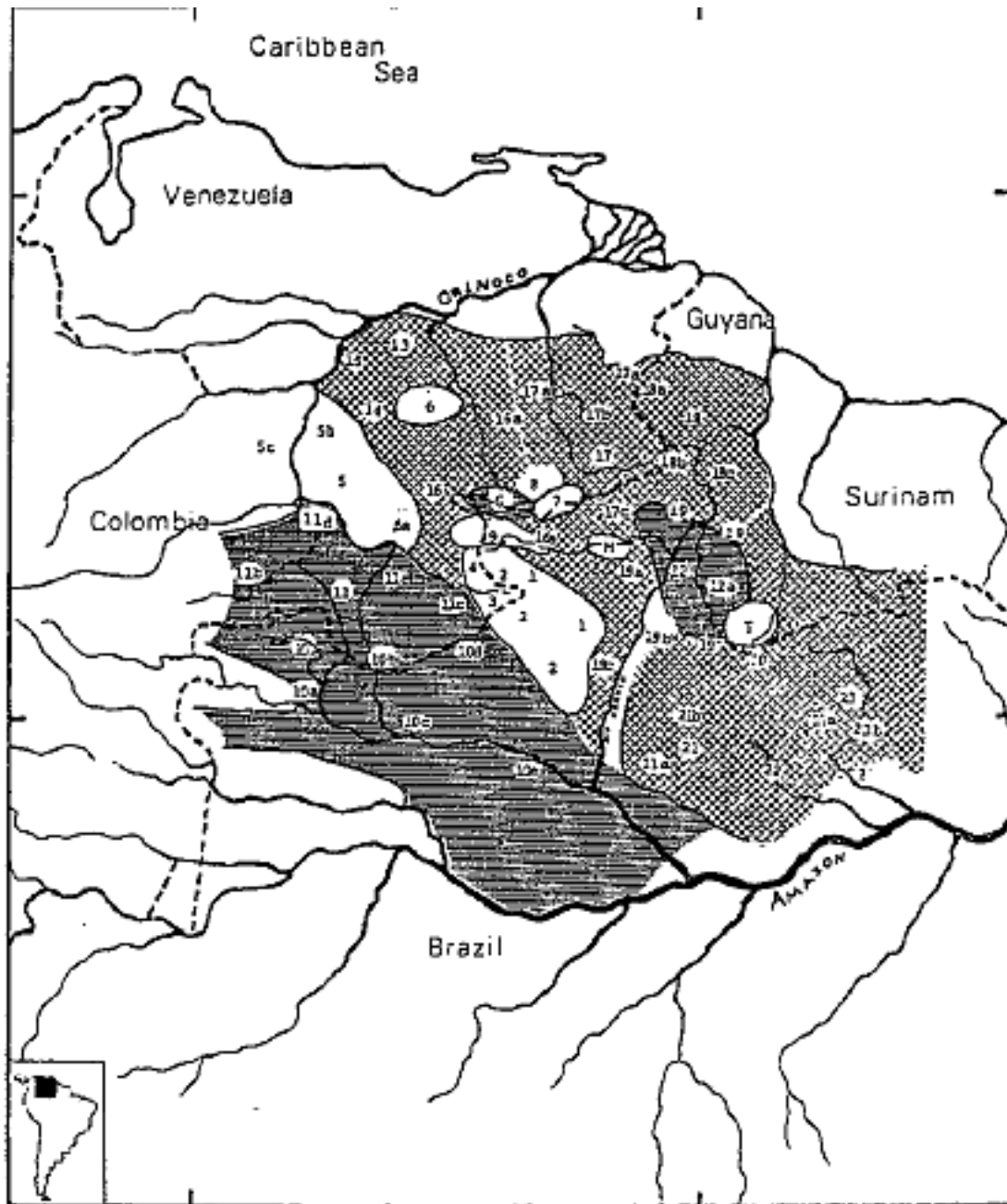
NICHOLS, Johanna. BICKEL, Balthasar. Possessive Classification.. 2013 In: Dryer, Matthew S. & Haspelmath, Martin (eds.) The World Atlas of Language Structures Online. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. (Available online at <http://wals.info/chapter/59>, Accessed on 2020-12-05.)

PEREIRA, Paulo Henrique da Silva. Aspectos morfossintáticos da marcação de posse nominal em línguas Ameríndias. 196 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da linguagem, Campinas, SP, 2016.

PAYNE, Thomas. Exploring Language Structure: a student's guide. New York: Cambridge University Press. 2006.

QUEIXALÒS, Francesc. GOMES, Dioneu. Predicados, nomes, sintagmas. In: In: QUEIXALÒS, Francesc. GOMES, Dioneu M. (Orgs). O sintagma nominal em línguas amazônicas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

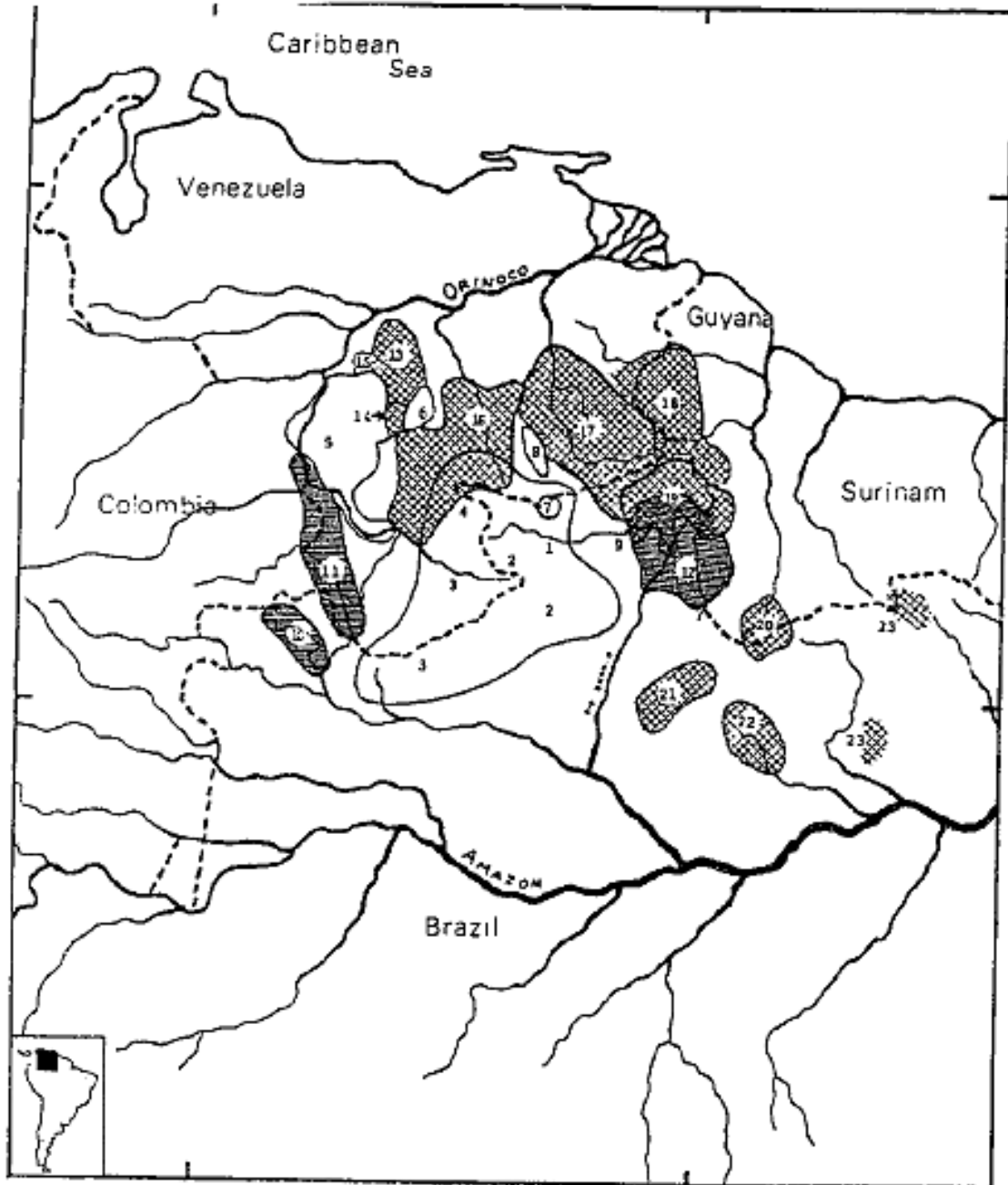
ANEXO A – mapa das línguas da região entre a Venezuela e o Brasil em 1800 retirado do trabalho de Migliazza (1985)



LANGUAGES OF THE ORINOCO - AMAZON REGION: c. 1800

Yanomama	Saliban	Independent	Arawak	Carib	
1. Yanam	5. Piarena	6. Moti	10. Bariwa	13. Panare	19. Makushi
2. Yacohan	5a. Meco	7. Urunk	10a. Tariama	14. Yabarana	19a. Sapara
3. Yanomani	5b. Ature	8. Sape	10b. Mandawuca	15. Mopoyo	19b. Parawiana
4. Sanika	5c. Saliva	9. Neku	10c. Jabaana	16. Yekuuna	19c. Puashiana
		M. Maracana	10d. Baruana	16a. Mayongong	20. Watwai
		T. Taruma	10e. Menso	17. Pemon	21. Weiniri
			11. Nare	17a. Arekuna	21a. Atroari
			11a. Kuriobana	17b. Kanarskoto	21b. Jawaperi
			11b. Piapoco	17c. Taurepang	22. Nishkaryana
			11c. Mawaca	18. Kapon	23. Warikyana
			11d. Soniva	18a. Akawaio	23a. Kashuyana
			12. Wapishana	18b. Ingariko	23b. Kahuyana
			12a. Atorai	18c. Patamona	23c. Pawiyana
			G. Gudinau		

ANEXO B – mapa das línguas da região entre a Venezuela e o Brasil em 1977 retirado do trabalho de Migliazza (1985)



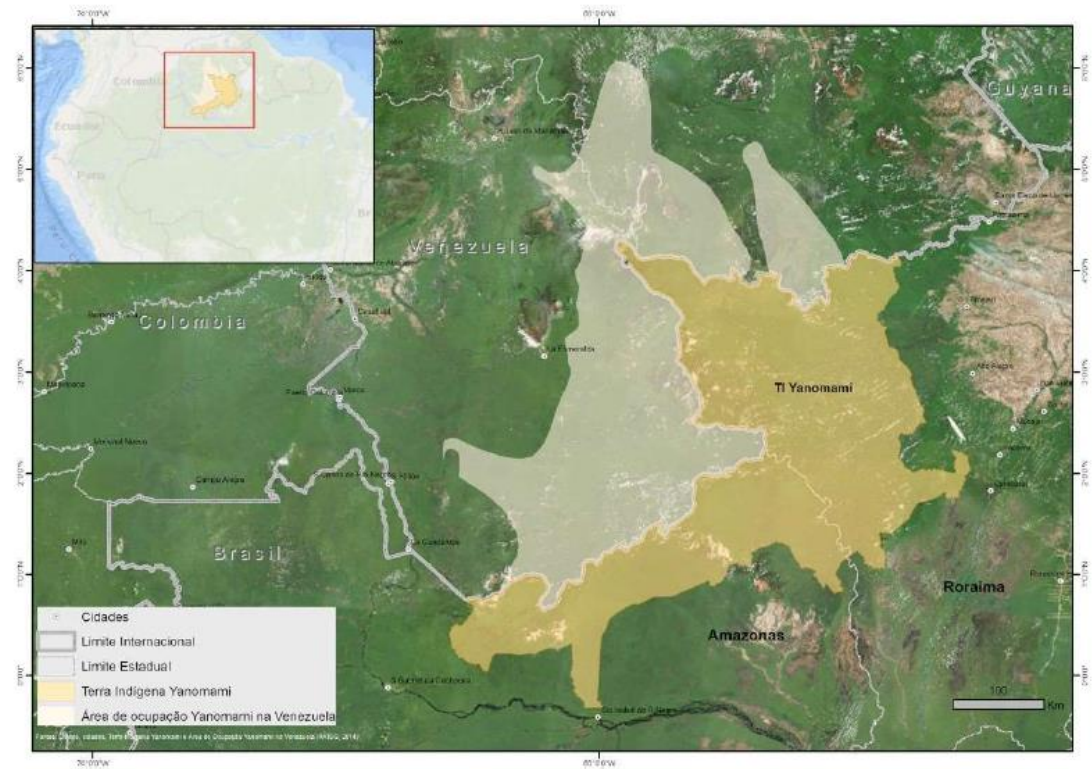
LANGUAGES OF THE ORINOCO - Amazon Region: 1977

<u>Yanomama</u>	<u>Saliban</u>	<u>Independent</u>	<u>Arawak</u>	<u>Carib</u>	
1. Yanan	5. Piaroa	6. Hoti	10. Baniwa	13. Pemare	19. Makushi
2. Yanomani		7. Druak	11. Bare, etc.*	14. Yahuarana	20. Naitwai
3. Yanomani		8. Sape	12. Wapishana	15. Mapoyo	21. Naimiri
4. Sanáno		9. Maku		16. Yekuana	22. Hishkaryana
				17. Pemón	23. Warikyaná
				18. Kopón	

* Mandawaka, Guarekena, Baniwa (Yavitero).

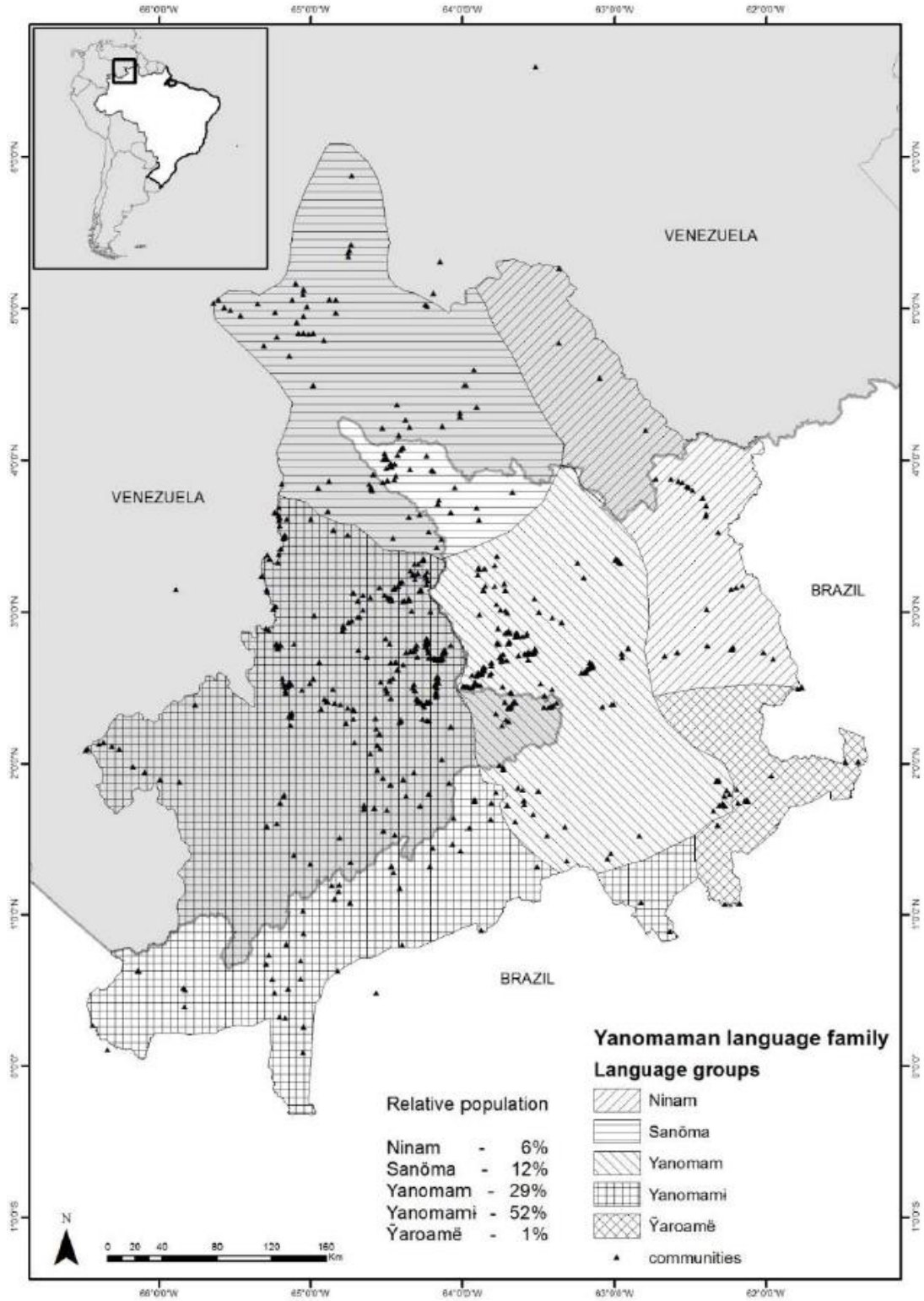
ANEXO C – mapa do território demarcado Yanomami, retirado do trabalho de Ferreira (2017)

Map 1.1 – The Yanomami territory in Brazil and Venezuela²



ANEXO D – mapa das línguas Yanomami, retirado do trabalho de Ferreira (2017)

Map 1.2 – Languages of the Yanomami family



ANEXO E – mapa das áreas linguísticas propostas por Campbell (2000) e Birchall (2014), retirado do trabalho de Pereira (2016)



Figura 1- Mapa da divisão do Continente em Áreas Linguísticas